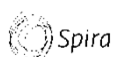


ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE PATRIMÓNIO

PORTO, PORTUGAL

1, 2, 3 OUT. 2025

Faculdade de Letras da U.Porto



VAMOS REPENSAR O PATRIMÓNIO NO SÉCULO XXI

FICHA TÉCNICA

Título

II Encontro Nacional de Estudantes de Património – Livro de Resumos

Autores

Adriana Gomes Cardoso, Alexandra Esteves, Alexandra Esteves, Amanda Soares Steffen, Ana Bailão, Ana Beatriz Machado, Ana Ester Tavares, Ana Guedes, Ana Madureira, Ana Sofia Rodrigues, Ana Vieira Chambel, Anastasia Sazontieva, Arthur Carneiro Ferreira Freitas, Barbara Higa, Beatriz Tavares, Bruno Soares, Carolina Delicado, Carolina Silva André, Cláudia Sousa, Daniela Fatela Geraldès, David Marques, David Oliveira, Diana Henriques, Diana Mendes, Eduarda Vieira, Fábio Monteiro, Fernando Carvalho, Fernando Costa, Filipe Freitas, Guilherme Carlos Roque Branco, Henrique Azevedo Pereira Silva, Inês Alves, Inês Feliciano, Inês Guedes, Ioanna Katapidi, Isis de Souza Macedo, Ivanoela do Nascimento Póvoas, Jaqueline Dulce Moreira, Jéssica Pinto, Joana Magalhães, Joana Shearman, Jorge Filipe Alves, José Carlos Amorim, José Gabriel Andrade, Keitty de Oliveira Silva, Leonor Malaquias, Liliana Silva, Lorena Guimarães Leal dos Santos, Luciana Fontana, Luís Soares, Margarida Valadão Lopes, Maria da Paz, Mariana Brum, Mariana Cardoso da Silva, Mariana Durana Pinto, Mariana Vann, Marta Frade, Marta Neves, Matilde Gomes, Patrícia Correia, Patrícia Lobo, Paula do Nascimento, Paula Leal de Matos, Paulo Dornford de Sande, Raquel Marques, Raquel Mira, Rebeca Blanco-Rotea, Rita Dargent, Rita Silva Sousa, Rui Roque, Susana Coentro, Thierry Aubry

Comissão científica

António Ponte (MNSR), Alexandra Curvelo (IHA/NOVA-FCSH), Alice Semedo (CITCEM/FLUP), Ana Cristina Sousa (CITCEM/FLUP), Ana Rita Albuquerque (CITCEM/FLUP), Andreia Arezes (CITCEM/FLUP), Carla Sofia Queirós (ESE P.PORTO), Hugo Barreira (CITCEM/FLUP), Inês Amorim (CITCEM/FLUP), João Pedro Bernardes (CEAAC/UA), Joana Brites (FLUC), Laura Castro (UCP-Porto), Luís Sebastian (PCIP), Luís Urbano Afonso (FLUL), Maria da Luz Sampaio (UÉ/DHIST), Maria João Neto (FLUL), Maria Leonor Botelho (CITCEM/FLUP), Paula André (Iscte/ISTA), Paula Bessa (UM/ICS), Paula Menino Homem (CITCEM/FLUP), Paulo Simões Rodrigues (UE/DHIST), Ricardo Triães (ESTT/IPT), Rui Morais (CITCEM/FLUP), Teresa Cunha Ferreira (CEAU/FAUP), Tiago Trindade Cruz (CITCEM/FLUP), Vera Moitinho de Almeida (CODA/FLUP), Walter Rossa (FCTUC)

Comissão organizadora

Maria Leonor Botelho (CITCEM/FLUP), Ana Carolina Cardoso Cunha (CITCEM/FLUP/PCIP), Ana João Silva (FLUP), Carolina Teixeira Sousa (CITCEM/FLUP/PCIP), Margarida Silva (FLUP), Maria Beleza Juncal (FLUP), João Novais Tavares (CITCEM/FLUP/PCIP)

Comissão editorial

Carolina Teixeira Sousa (CITCEM/FLUP/PCIP), Maria Beleza Juncal (FLUP), João Novais Tavares (CITCEM/FLUP/PCIP)

Este Livro de Resumos foi sujeito a *double-blind peer review*, resultando das propostas submetidas para apresentação no II Encontro Nacional de Estudantes de Património, realizado na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, nos dias 1, 2 e 3 de outubro de 2025.

O II ENEP (2025) contou com o apoio do Protocolo de Cooperação U.Porto — Caixa Geral de Depósitos, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Investigação Transdisciplinar «Cultura, Espaço e Memória» (CITCEM), Centre for Digital Culture and Innovation (CODA), Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, Museu Nacional Soares dos Reis, Batalha Centro de Cinema, Património Cultural, I.P., Câmara Municipal do Porto, Fábrica de Biscoitos Paupério, Confeitarias Arca e Arcádia, Dona Paterna, Spira, Detalhar e patrimonio.pt .

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE RESUMOS DO II ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE PATRIMÓNIO	7
COMUNIDADE, MEMÓRIA & PATRIMÓNIO LOCAL	9
O Património ao Alcance da Comunidade através da Utilização das Novas Tecnologias: a Casa do Conhecimento de Vila Verde.....	10
Lugares de Memória e Poder em Londrina (Paraná): Repensando o Patrimônio Londrinense para além da História Oficial	12
Os Museus Rurais Estão a Contribuir para a Preservação e Renovação da Cultura Rural em Portugal?.....	14
A Desfolhada: Estudo Comparativo entre os Açores e o Minho.....	16
As Confrarias Gastronómicas como Atores de Salvaguarda dos Saberes Tradicionais: o Caso de Estudo da Confraria dos Doces de Paranhos, Porto	18
Os Moinhos de Vento Portugueses na Contemporaneidade: as Soluções e Intervenções no Património Vernacular	20
DIGITALIZAÇÃO PATRIMONIAL	21
Do Manual ao Digital: a Transformação de Metodologias na Gestão de Coleções do Museu Nacional de Arqueologia	22
O Conjunto Numismático do Mosteiro de São João de Tarouca: o seu Estudo e Disponibilização	24
[Re] Pensar, [Re] Encontrar, [Re] Configurar o Papel do «Arquivo» enquanto Património Cultural: que Desafios para o Séc. XXI?	26
Ver além do óbvio... a Investigação Democratiza o Acesso e Aclara “Patrimónios Perdidos” nas Coleções do Museu De Lamas.....	28
Primitivos de Imagem Vistos sob Outra Luz – a Recuperação de Informação de Imagem em Daguerreótipos Partindo da Fotografia De IV Praticada em Pintura Primitiva	30
O Videjogo <i>Assassin's Creed</i> como Forma de Mediação Patrimonial.....	32
Barro Negro: da Terra ao Fogo	33
MUSEUS & DEMOCRATIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO	35
Museu como Lugar de Património, Matrimónio E Fratrímónio.....	36
Iconografia Musical na Tapeçaria de Portalegre - <i>Making Of</i> de uma Exposição	38
Éfe-Érre-Á: «A Essência do Grande Museu Académico da Universidade de Coimbra».....	40
A Democratização de um Espaço Museológico: a Remodelação da Entrada Principal do Palácio Nacional da Pena.....	41

Inspiring Museum Practices: Dealing with Difficult Heritage. The Case of Lesbos, Greece	43
O Desafio da Acessibilidade no Património Cultural: as Principais Problemáticas de Acesso à Catedral Do Porto	45
Acessibilidade no Património: Quebrar Barreiras, Construir Inclusão em Portugal	46
Vozes que Circulam: a Iniciativa de um Sistema Único de Cultura Circular em Maricá....	47
Memórias em (Re)Construção: Novas Leituras para a Democratização do Acesso ao Património do Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra	49
Reflexão sobre o Quadro das Políticas de Restituição do Património Cultural: Caso de Estudo dos Tesouros Mesoamericanos do MHNC-UP	51
NOVOS PATRIMÓNIOS.....	53
Cosa Mentale: a Conceptualização da Arte e a Reconceptualização do Património.....	54
Paredes Limpas Povo Mudo - A Arte Urbana Política e o Seu Valor	55
Um Olhar Cúmplice: o Parque Mayer e a Revista À Portuguesa Pelos Olhos de Velo Gomes Durante a Segunda Metade Do Século XX	57
Os Órgãos de Tubos na Paisagem Sonora da Cidade do Porto. Realidade Atual.....	59
SALVAGUARDA & CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO.....	61
Estudo e Acondicionamento Sustentável das Coberturas de Cabeça do Museu Nacional dos Coches.....	62
Casa do Moscadim – Um Laboratório aberto para Conservar, Restaurar e Envolver a Comunidade	64
Uma Abordagem Transdisciplinar ao Restauro de Três Peças de Cerâmica do Museu Bordalo Pinheiro: o Cruzamento entre as Técnicas Tradicionais e as Novas Tecnologias	66
As Catástrofes Naturais e o Património Açoriano em Oitocentos	68
O Papel das Associações Culturais e Recreativas na Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. O Caso da Associação Cultural, Recreativa e Social de Teivas (Viseu, Portugal)	69
Inventários Como Ferramentas de Salvaguarda e Divulgação Patrimonial: A Arquitetura do Mosteiro de Santa Helena do Monte Calvário como Polo Interpretativo e Dinamizador do Património Religioso de Évora	71
VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO EDIFICADO	73
Fomento Eborense - Do Sucesso ao Esquecimento. Caso de Estudo Sobre a Indústria Confeiteira em Évora, no Século XX.....	74
Memórias Narradas: o Hospital de S. Marcos de Braga (1974-2011)	76
Centro Interpretativo das Paisagens Cariocas: a Interpretação do Património e a Valorização e Democratização da Cultura	78

A Importância do Forte de Lovelhe na Valorização do Património Defensivo de Vila Nova de Cerveira.....	80
A Fortaleza de Peniche: um Património de Resistência e Identidade	82
RELATO DE EXPERIÊNCIAS	85
Inventariar para Valorizar: um Contributo para o Estudo e Salvaguarda de uma Coleção Privada.....	86
Do Ofício à Investigação: Salvaguarda e Valorização da Arte do Estuque de Viana do Castelo	88
Perspectivas sobre Investigação e Estágio: Qual a Atuação Profissional Buscamos?	89
Investigação e Participação: e Jornada de duas Estudantes no Projeto Cultivar	91
“Como Proteger o Património da Minha Região?”: a Importância da Educação Patrimonial e os Seus Desafios nas Comunidades Escolares de Trás-Os-Montes e Alto Douro	93
Estratégia Transmedia Storytelling nos Museus: Novas Formas de Contar Histórias e a Experiência Mediada pela Média-Arte Digital.....	95
Digitalização 3D de Instrumentos Musicais num Museu em Mudanças: Práxis e Desafios	97

APRESENTAÇÃO DO LIVRO DE RESUMOS DO II ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DE PATRIMÓNIO

De Estudantes. Para Estudantes. Assim se define o Encontro Nacional de Estudantes do Património '25, que em boa hora um ativo grupo de estudantes do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto decidiu organizar em resposta ao desafio colocado por colegas da Universidade de Évora.

O ENEP'25 quer assumir-se como uma plataforma de estudantes, futuros profissionais do Património, que agora encontram espaço para “repensar o Património no (e do) Século XXI”. À chamada de artigos apresentaram-se 69 propostas que foram submetidas a dupla avaliação cega. A Comissão Científica integra docentes e investigadores de instituições de referência de todo o país. Procurou-se na sua constituição, ver representadas as universidades e os institutos politécnicos onde os estudos do Património têm lugar em Portugal. A constituição de uma Comissão Científica de dimensão nacional, composta por nomes de referência na área, permitiu cumprir o princípio da diversidade institucional, mas também dar resposta à cada vez mais necessária abordagem multi e interdisciplinar que os estudos críticos do Património convocam hoje. A avaliação criteriosa e construtiva das propostas realizada pela Comissão Científica contribuiu, seguramente e de forma inequívoca, para a qualidade e rigor deste Encontro científico, pelo que reconheço aqui e publicamente a sua generosidade.

Integram o programa do ENEP, 38 comunicações orais e 7 relatos de experiência. À diversidade temática e geográfica dos casos de estudo apresentados, corresponde igualmente a desejada diversidade institucional. Através dos 72 autores que se apresentam no ENEP'25, vemos representadas as seguintes instituições do ensino superior: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (FLUC); Universidade do Minho (UM); Universidade Nova de Lisboa (NOVA FSCH); Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa (FBAUL); Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (FBAUP); Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL); Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP); Instituto Politécnico de Tomar (IPT); Escola Superior de Educação do Porto (ESE P.PORTO); Universidade de Évora (UÉ); Universidade do Algarve (UAlg); Universidade Aberta (UAb); Universidade Católica Portuguesa (UCP) e Universidade de Birmingham (UB).

E porque o ENEP foi pensado por e para estudantes, destacamos como keynote speaker da conferência inaugural a Prof. Doutora Maria de Lurdes Craveiro (FLUC) e os participantes da Mesa Redonda, Catarina Valença Gonçalves (Spira), Rosário Correia Machado (Rota do Românico), Lino Tavares Dias (CITCEM/CEAU) e Luís Sebastian (PCIP), todos eles referências no setor. Integra ainda o programa do ENEP'25 um conjunto de workshops da responsabilidade da Detalhar, da SPIRA e do CODA/FLUP e de visitas temáticas a terem lugar na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto (FAUP), no Museu Nacional de Soares dos Reis (MNSR/MMP) e no Batalha Centro de Cinema. A presença destes atores patrimoniais e o

envolvimento implicado destas entidades muito nos honram e seguramente contribuirão para potenciar a discussão e repensar o lugar do Património no século XXI.

O ENEP'25 não seria possível sem o apoio de algumas entidades que passamos a indicar: o Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o CITCEM e a própria Universidade do Porto, através do Protocolo de Cooperação U.Porto – Caixa Geral de Depósitos. Contou ainda com o apoio da AEFLUP e do Bar do Tio, bem como com o patrocínio do Departamento da Juventude da Câmara Municipal do Porto, do Património Cultural, I.P., da Fábrica de Biscoitos Paupério, dos Chocolates Arcádia e da adega Dona Paterna. Teve como *mediapartner* a patrimonio.pt. Em nome da organização do ENEP'25 agradecemos a todos os parceiros o apoio dado desde a primeira hora.

Por fim, cumpre-me uma palavra de reconhecimento à própria Comissão Organizadora do ENEP'25, destacando o seu sentido de missão e compromisso. O ENEP'25 espelha e projetará, seguramente, a sua vontade de conhecimento e a sua inquietação perante o devir do Património e o seu lugar na sociedade do século XXI.

Bem-hajam!

Maria Leonor Botelho
18 de setembro de 2025

COMUNIDADE, MEMÓRIA & PATRIMÓNIO LOCAL

O PATRIMÓNIO AO ALCANCE DA COMUNIDADE ATRAVÉS DA UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS: A CASA DO CONHECIMENTO DE VILA VERDE

DIANA MENDES (LAB2PT/UM) ¹

<https://orcid.org/0009-0004-6963-5714>

ALEXANDRA ESTEVES (LAB2PT/UM) ²

<https://orcid.org/0000-0003-0660-9485>

JOSÉ GABRIEL ANDRADE (CECS/UM) ³

<https://orcid.org/0000-0002-9778-5865>

Este projeto de investigação tem como propósito explorar os benefícios da aplicação de novas tecnologias ao património cultural, promovendo o envolvimento das comunidades locais e contribuindo para a sua salvaguarda, comunicação e valorização. Pretende-se ainda reforçar a criação de memória coletiva em contexto nacional. Neste âmbito, será apresentado o projeto financiado pela FCT (ref. 2024.01190.BDANA), centrado no município de Vila Verde, distrito de Braga. Através da inventariação, caracterização e difusão do património local, o projeto aposta no uso de ferramentas digitais, articulando-se com os recursos disponíveis na Casa do Conhecimento de Vila Verde.

Entre os principais resultados esperados estão: um acervo digital acessível, um mapa cultural interativo, um roteiro patrimonial, oficinas de capacitação e uma exposição final em formato físico e virtual.

O estudo organiza-se em quatro fases. A fase “Identificar” inclui a análise de boas práticas nacionais e internacionais, o estudo da Rede Casas do Conhecimento e o levantamento do património e das tecnologias locais. A fase “Criar” foca-se na digitalização do património através de fotografia, vídeo e som, com o

¹ Diana Mendes é licenciada em História, pós-graduada em Ciências da Comunicação e mestre em Património Cultural pela Universidade do Minho. Frequenta o Doutoramento em História pela UMinho, com a Bolsa de Investigação com referência (2024.01190.BDANA), financiada pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT). É investigadora do Lab2PT (Laboratório de Paisagens, Património e Território), desenvolvendo trabalhos no grupo In2Past, no grupo História Social a Norte e na Casa do Conhecimento da Universidade do Minho. No seu currículo, os termos mais frequentes na contextualização da produção científica são: Rede Casas do Conhecimento; envolvimento comunitário; salvaguarda e comunicação patrimonial e novas tecnologias aplicadas ao Património Cultural.

² Orientador do projeto de investigação.

³ Orientador do projeto de investigação.

desenvolvimento de exposições físicas e digitais, através da Plataforma *ArcGis Experience Builder* e uma mostra itinerante com recurso a tecnologias *phygital*.

Na fase “Divulgar”, serão desenhadas estratégias participativas para envolver a comunidade na criação do acervo digital, promovendo os resultados junto do público. Por fim, a fase “Avaliar” medirá o impacto das tecnologias na valorização da identidade cultural e na dinamização do turismo local, a partir de dados recolhidos junto da comunidade e de recomendações sobre práticas de preservação.

Este projeto ambiciona, assim, aliar inovação tecnológica e património, promovendo uma cultura participativa, inclusiva e sustentável.

Palavras-chave: Envolvimento Comunitário; Salvaguarda e Comunicação Patrimonial; Novas Tecnologias Aplicadas ao Património Cultural; Rede Casas do Conhecimento.

LUGARES DE MEMÓRIA E PODER EM LONDRINA (PARANÁ): REPENSANDO O PATRIMÔNIO LONDRINENSE PARA ALÉM DA HISTÓRIA OFICIAL

AMANDA SOARES STEFFEN (FLUC) ⁴

<https://orcid.org/0009-0004-9580-2168>

A cidade de Londrina (Paraná), tradicionalmente associada à narrativa dominante de colonização europeia, empresarial e agrária, desenvolveu uma memória oficial centrada, sobretudo, nas elites político-econômicas. Em tempos de disputas simbólicas, a democratização do patrimônio londrinense exige um exercício de descentralização da memória e o seu reconhecimento como um processo político socialmente construído. Utilizando-se do conceito de “lugares de memória” (Nora, 1984), este trabalho busca investigar lugares de memória londrinenses à luz das relações de poder que os estruturam e dos desafios envolvidos na democratização do patrimônio cultural urbano, questionando quais memórias têm sido legitimadas nesse processo e quais grupos têm sido historicamente silenciados.

Partindo de autores como Choay (2006) e Brulon (2016), críticos às práticas patrimoniais excludentes, e de Koury (2010), que aborda o patrimônio como instrumento de cidadania, este trabalho analisa como o patrimônio pode ser apropriado pelas comunidades como um direito cultural coletivo e a importância das instituições memoriais neste processo. Focando em espaços emblemáticos, como o Museu Histórico de Londrina e a Praça Primeiro de Maio, discutir-se-á como eles foram historicamente apropriados por discursos oficiais e como podem ser ressignificados por práticas participativas plurais. A seleção dos locais se baseia em sua centralidade na construção da narrativa histórica oficial e em sua potencialidade para reinterpretações participativas.

Será adotada uma abordagem qualitativa, com a utilização de análise documental e observação direta, com foco no uso e apropriação dos discursos visíveis nos espaços. Utilizando autores locais como Leme (2013), Borrego (2002) e Martinez (2018), que discutem a construção da memória local e os conflitos patrimoniais, a proposta aponta caminhos para a construção de políticas patrimoniais mais inclusivas. Serão debatidas ainda ações de educação patrimonial crítica, processos colaborativos de

⁴ Amanda Soares Steffen é licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e mestranda em Patrimônio Cultural e Museologia na mesma instituição. Atualmente, desenvolve sua dissertação focando nos limites e possibilidades de atuação do Museu Histórico de Londrina para a prática de uma museologia mais inclusiva e voltada para a comunidade, num cenário crescente de uma realidade social que sofre uma progressiva perda de pertença aos seus territórios, substituindo-os por territórios efêmeros que produzem a obsolescência de uma sociedade de consumo hipermediatista e digitalizada. Entre seus interesses estão os estudos de identidade, de memória e das práticas museológicas voltadas para a participação das comunidades.

reconhecimento e salvaguarda de bens culturais que rompem com o monopólio elitista na definição do que é digno de memória.

Palavras-chave: Lugares de Memória; Londrina; Narrativa Oficial; Patrimonialização; Memória Coletiva.

OS MUSEUS RURAIS ESTÃO A CONTRIBUIR PARA A PRESERVAÇÃO E RENOVAÇÃO DA CULTURA RURAL EM PORTUGAL?

PAULA LEAL DE MATOS (UB) ⁵

<https://orcid.org/0009-0004-7071-070X>

IOANNA KATAPIDI (UB) ⁶

Este projeto de investigação propõe-se analisar criticamente o papel dos museus rurais em Portugal enquanto agentes ativos na preservação, renovação e comunicação da cultura rural, particularmente face ao contínuo declínio das zonas rurais. Num contexto nacional marcado pela diminuição demográfica, emigração, envelhecimento populacional e erosão do património material e imaterial, o estudo investiga de que forma os museus rurais respondem a estes desafios e contribuem para a valorização cultural e identidade territorial das comunidades periféricas.

O âmbito da investigação centra-se em museus de pequena e média dimensão localizados em municípios rurais de Portugal, incluindo museus etnográficos e agrícolas, ecomuseus e centros interpretativos dedicados à vida rural, à memória e às paisagens culturais.

O projeto estrutura-se em duas fases metodológicas complementares: uma primeira fase de inquérito a nível nacional, destinada à recolha de dados quantitativos e qualitativos sobre práticas museológicas, iniciativas de mediação cultural, perfis de visitantes e parcerias institucionais; e uma segunda fase, baseada na realização de estudos de caso aprofundados em dois a três museus selecionados, recorrendo à observação direta, entrevistas e inquéritos aos visitantes.

Ancorado numa revisão crítica da literatura sobre museologia, desenvolvimento rural e turismo cultural, este estudo adota uma definição ampla de museus rurais, incluindo museus etnográficos e agrícolas, ecomuseus e centros interpretativos centrados na memória e nos modos de vida rurais.

Espera-se que os resultados contribuam para um entendimento mais aprofundado e matizado das dinâmicas museológicas em contextos rurais, em particular no que diz

⁵ Paula Leal de Matos é estudante de mestrado em *International Heritage Management* na Universidade de Birmingham, encontra-se atualmente a iniciar uma nova etapa profissional em Portugal, após mais de duas décadas de carreira em Bruxelas. Economista de formação, desenvolveu a sua trajetória na área da aviação, com um percurso consolidado em análise económica e desenvolvimento estratégico no setor. O seu percurso profissional teve início na academia, como docente e investigadora na área da Economia, tendo posteriormente assumido funções técnicas e de liderança em ambientes internacionais. Esta mudança de rumo para a gestão do património cultural representa a convergência entre o interesse de longa data pela cultura e o compromisso com a valorização do património como motor de desenvolvimento local.

⁶ Orientadora da dissertação de mestrado.

respeito ao seu potencial papel na promoção da sustentabilidade cultural. O estudo visa identificar boas práticas, desafios operacionais e oportunidades de inovação no seio dos museus rurais. Em última análise, defende o papel estratégico destas instituições na salvaguarda e revitalização dos patrimónios rurais portugueses, procurando igualmente oferecer recomendações concretas e exequíveis para profissionais de museus e decisores políticos, com vista ao reforço da relevância cultural, do impacto e da viabilidade a longo prazo dos museus rurais em Portugal.

Palavras-chave: Museus Rurais; Cultura Rural; Preservação Patrimonial; Renovação Cultural; Envolvimento dos Visitantes; Portugal.

A DESFOLHADA: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE OS AÇORES E O MINHO

DAVID OLIVEIRA (ESE P.PORTO) ⁷

<https://orcid.org/0009-0007-4150-8037>

INÊS ALVES (ESE P.PORTO) ⁸

<https://orcid.org/0009-0000-8475-7753>

JOANA MAGALHÃES (ESE P.PORTO) ⁹

<https://orcid.org/0009-0001-4645-9883>

⁷ David Oliveira tem 20 anos e nasceu no Porto. Até à data, concluiu o segundo ano da Licenciatura em Gestão do Património Cultural, na Escola Superior de Educação do Porto. Apesar de ter feito o Ensino Secundário no Curso de Ciências e Tecnologias, acabou por enveredar por uma vertente mais cultural. Ao princípio foi estranho, mas, aos poucos, acabou por ganhar o gosto pelo Património Cultural. Relativamente a este curso, as unidades curriculares que mais o cativaram foram Gestão Cultural, Antropologia Cultural, Património Arqueológico e História de Portugal e da Arte. Contudo, esta licenciatura não foi a sua primeira escolha – antes pelo contrário. Desde o primeiro semestre do primeiro ano que tem prestado mais atenção ao património que nos rodeia no dia-a-dia e, o mais interessante, é que as aprendizagens obtidas nas aulas permitem-lhe vê-lo de perspetivas muito distintas. Assim sendo, espera até à conclusão do curso aprender mais sobre o Património Cultural espalhado pelo mundo, adquirindo os conhecimentos necessários para poder contribuir para a sua salvaguarda e proteção!

⁸ Inês Alves tem 23 anos e é estudante da Licenciatura em Gestão do Património Cultural na Escola Superior de Educação do Porto. Esta licenciatura foi, desde o início, a sua primeira opção, motivada por um interesse genuíno pela História. Contudo, ao longo do percurso académico, descobriu um particular interesse pela área da Gestão Cultural, que tem vindo a consolidar-se semestre após semestre. A formação que tem vindo a desenvolver permite-lhe adquirir uma compreensão alargada e crítica sobre as diversas dimensões do património cultural, bem como sobre os desafios que envolvem a sua salvaguarda e valorização. O enfoque interdisciplinar do curso tem contribuído para aprofundar a sua capacidade de análise, intervenção e reflexão no âmbito das práticas patrimoniais. Através deste percurso, pretende continuar a consolidar conhecimentos e competências que lhe permitam, no futuro, contribuir ativamente para a preservação, promoção e gestão sustentável do património cultural, reconhecendo o seu papel essencial na construção da identidade, da memória coletiva e do desenvolvimento das comunidades.

⁹ Joana Magalhães tem 22 anos e é de Viana do Castelo. Terminou recentemente o segundo ano da licenciatura em Gestão do Património Cultural, na Escola Superior de Educação do Porto. Este curso não foi a sua primeira decisão. De 2022 a 2023, fez quase um ano no curso de Contabilidade e Administração no Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Inicialmente, achou que seria um curso perfeito para si, visto que no secundário seguiu pela vertente das ciências-socioeconómicas, uma área que gostava, no entanto, após o seu tempo em contabilidade, descobriu verdadeiramente que aquilo não era para si. Sempre teve um enorme interesse em desenhar, em arte e em história. E, foi aí que começou a sua pesquisa por cursos que correspondessem a essas áreas. Em primeiro lugar, o curso no qual se encontra não foi a sua primeira escolha. Mas acabou por gostar muito de Gestão do Património Cultural, por causa de unidades curriculares, como Antropologia Cultural, História de Arte e Gestão Cultural, que lhe têm proporcionado uma abundância de conhecimentos, e a ânsia de aprender mais sobre o património cultural de várias comunidades.

O presente trabalho propõe uma análise comparativa das práticas culturais associadas à desfolhada nas regiões do Minho e dos Açores, com base numa abordagem multidisciplinar que articula a etnografia, a história, os estudos do património e a antropologia simbólica. Trata-se de uma investigação consolidada, sustentada em fontes bibliográficas especializadas e em testemunhos orais recolhidos junto de informantes locais, com o objetivo de compreender as especificidades regionais e as transformações sociais ocorridas entre o século XX e o início do século XXI.

A desfolhada, prática ancestral ligada ao ciclo do milho, conjuga trabalho agrícola com momentos de convívio, música, dança e partilha comunitária. É considerada património cultural imaterial, na medida em que integra dimensões agrícola, simbólica e identitária, conforme reconhecido pela Convenção da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO, 2003), ao enquadrar-se nas práticas sociais e festivas transmitidas entre gerações. O simbolismo do “milho-rei”, por exemplo, reforça o valor afetivo e os laços de pertença que esta tradição perpetua.

A análise foca-se em quatro dimensões fundamentais:

1. Sistemas agrícolas e adaptação dos solos;
2. Arquitetura rural de armazenamento e secagem do milho;
3. Rituais e festividades (com destaque para a música e a dança);
4. Trajes tradicionais usados nas celebrações;

A comparação entre a desfolhada minhota, marcada por um espírito festivo e enérgico e a açoriana de cariz mais introspetivo, melancólico e simbólico, evidencia a riqueza e diversidade da cultura portuguesa. O trabalho discute ainda o impacto da industrialização agrícola e da globalização, que contribuíram para a descaracterização progressiva da desfolhada como prática quotidiana. No entanto, analisa também os atuais esforços de revitalização, promovidos por escolas, autarquias e grupos folclóricos, muitas vezes sob a forma de recriações etnográficas e eventos turísticos.

Neste contexto, problematiza-se a tensão entre autenticidade e espetacularização: estará a desfolhada a ser revitalizada enquanto prática viva e comunitária, ou transformada num produto musealizado e desvinculado da sua função original?

Palavras-chave: Desfolhada; Património Imaterial; Cultura Agrícola; Etnografia; Minho; Açores.

AS CONFRARIAS GASTRONÓMICAS COMO ATORES DE SALVAGUARDA DOS SABERES TRADICIONAIS: O CASO DE ESTUDO DA CONFRARIA DOS DOCES DE PARANHOS, PORTO

BEATRIZ TAVARES (FLUP)¹⁰

<https://orcid.org/0009-0001-6132-5699>

As confrarias assumem-se como entidades que têm vindo a desenvolver um papel fundamental na defesa, promoção e divulgação de um bem representativo de uma determinada região – seja um produto, modo de confeção, devoção, ou outro bem.

Diante do vasto leque de confrarias, e da diversidade do seu campo de atuação, o nosso estudo procura despertar um olhar mais atento para aquelas que se dedicam à salvaguarda da gastronomia portuguesa.

Os estudos sobre o enquadramento destas confrarias na tessitura patrimonial ainda são escassos. Porém, nesta realidade recente, cuja ânsia de defender, proteger, divulgar e preservar saberes ligados à gastronomia nasce nos finais do século XX, destacam-se os contributos de Luís Cunha (2018) e Gonçalo Fernandes, Adriano Costa, Rui Cerveira (2024). Reconhecendo a necessidade de explorar esta linha de investigação, o nosso estudo para além de se debruçar sobre a génese, evolução, missão, enquadramento legal, e *modus operandi* destas estruturas, procura desenvolver uma reflexão sobre uma confraria que se estreia no registo académico na dimensão patrimonial, a Confraria dos Doces de Paranhos, Porto.

Para lograr tais ensejos, bebemos do conhecimento da escassa literatura existente acompanhada pelo estudo da Legislação e Doutrina Nacional e realizamos entrevistas que permitiram estabelecer um contacto direto com as entidades estudadas.

¹⁰ Beatriz Tavares é licenciada em História da Arte (2024) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e mestranda em História da Arte, Património e Cultura Visual na mesma instituição. No seu percurso de formação procura desenvolver uma ação ativa na comunidade portuense onde se insere. Colocando em prática os ensinamentos adquiridos, visa estabelecer uma relação de proximidade com as comunidades despertando a ânsia de tornar visível e acessível o que pode parecer invisível. Em 2024 realiza o seu primeiro contacto com o público, apresentando, em abril uma Comunicação relativa ao retábulo-mor da Igreja Matriz de São Veríssimo de Paranhos integrada na visita guiada à própria Igreja e espaços envolventes realizada no âmbito da celebração do dia Internacional dos Monumentos e Sítios intitulada “Igreja Matriz, um Património a Descobrir.” Em maio, efetuou uma visita guiada aos vitrais da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, Porto, em honra das celebrações do dia da Paróquia intitulada “Juntos conhecemos a Nossa Paróquia.” E em outubro, protagonizou uma apresentação denominada ‘Arte ao Serviço do Sagrado’ com visita guiada ao retábulo-mor de São Veríssimo de Paranhos. Foi ainda membro da Comissão Organizadora da Semana de História da Arte 2023/2024 e das Oficinas Ante-Natal, 2024.

Com esta leitura percebemos que as confrarias gastronómicas partem de um sentido de pertença de uma comunidade mais restrita, recorrem a mecanismos de certificação de bens e membros, a estratégias de afiliação a entidades legitimadas, à participação em manifestações enraizadas nas suas origens (como a presença em momentos culturais) e à ritualização (como a utilização de trajes) para defender e partilhar os valores que identificam no seu património.

Tornando-se verdadeiros agentes de um património emergente e urgente de salvaguardar, as confrarias gastronómicas perpetuam as delícias dos sabores passados para satisfação dos gostos presentes e futuros.

Palavras-chave: Confrarias Gastronómicas; Salvaguarda; Património Imaterial; Paranhos; Doçaria Regional.

OS MOINHOS DE VENTO PORTUGUESES NA CONTEMPORANEIDADE: AS SOLUÇÕES E INTERVENÇÕES NO PATRIMÓNIO VERNACULAR

MARIANA CARDOSO DA SILVA (FLUP) ¹¹

O presente tema intitulado de “Os Moinhos de Vento Portugueses na Contemporaneidade”, tem por incentivo principal as intervenções realizadas em património vernacular. Os moinhos de vento portugueses, foram escolhidos como objeto de estudo, pois representam mais um tipo de arquitetura vernacular que sofre com a realidade atual, a sua falta de funcionalidade no nosso presente. Assim, o tema tem como objetivo prioritário a abordagem e discussão sobre a intervenção e preservação deste tipo de património arquitetónico.

Para que seja possível o debate sobre as soluções patrimoniais nas arquiteturas, é indispensável o entendimento do moinho de vento como um todo. O tema inicia-se com uma breve explicação sobre a arquitetura vernacular e da arquitetura dos moinhos de vento, estendendo-se por algumas das suas tipologias e técnicas construtivas. Em seguida, foram abordados os conjuntos molinológicos escolhidos para o desenvolvimento do tema. A escolha de conjuntos específicos permitiu não só explorar as diferentes técnicas construtivas e materiais utilizados para a construção de moinhos de vento, mas também a forma como estes se dispõem no território e as diferentes realidades em que cada um destes conjuntos se encontra a nível patrimonial. Assim, através desta metodologia foi possível chegar ao objetivo principal do tema. Com a análise de cada grupo de moinhos, foi possível explorar as diferentes intervenções já realizadas, as por realizar no futuro e os conjuntos que se encontram completamente abandonados. Deste modo, o estudo completa-se com a identificação das intervenções patrimoniais que são habitualmente aplicadas nos moinhos de vento em Portugal, com o objetivo de as expor e compará-las entre si, para que seja possível concluir sobre as mais ou menos adequadas.

Palavras-chave: Moinhos de Vento; Arquitetura Vernacular; Património.

¹¹ Mariana Cardoso da Silva, de 26 anos, é futura estudante de Doutoramento em Estudos do Património e atualmente professora de Atividades de Enriquecimento Curricular (AEC) no ensino primário. É licenciada em História da Arte (2020) e mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual (2022), pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Durante a sua formação académica especializou-se em arquitetura vernacular, tema do seu projeto de mestrado. No futuro, pretende aprofundar o seu conhecimento nesta área, valorizando os aspetos arquitetónicos, culturais e sustentáveis da arquitetura vernacular.

DIGITALIZAÇÃO PATRIMONIAL

DO MANUAL AO DIGITAL: A TRANSFORMAÇÃO DE METODOLOGIAS NA GESTÃO DE COLEÇÕES DO MUSEU NACIONAL DE ARQUEOLOGIA

PAULA DO NASCIMENTO (UNIARQ/FLUL/MNA) ¹²

<https://orcid.org/0000-0003-0811-2923>

O avanço tecnológico tem vindo a modificar a forma como o património cultural é preservado, documentado e monitorizado. A crescente complexidade do processo da gestão de coleções assume desafios, nomeadamente, pelo aumento significativo dos bens culturais presentes nos acervos dos museus. Neste sentido, aliado à carência de garantir a preservação e o acesso aos respetivos objetos, o uso de tecnologias adequadas pode ajudar na superação destes desafios. A atualização de metodologias é indispensável para acompanhar a própria evolução digital, onde a inovação tecnológica aplicada à gestão de coleções, como a Inteligência Artificial, representa um enorme progresso, podendo ajudar não só a preservação, como agilizar a inventariação e ainda, possibilitar a rastreabilidade dos objetos.

O acompanhamento dos bens culturais em tempo real continua a ser uma questão importante, uma vez que os métodos tradicionais são insuficientes para igualar as exigências características de um acervo museológico. As vantagens oferecidas por algumas tecnologias, nomeadamente a radiofrequência (*Radio-Frequency Identification RFID*), os próprios *QR Codes (Quick Response)*, e ainda a Visão Computacional. Estes tipos de tecnologias estão mais presentes na nossa rotina do que imaginamos, como por exemplo o reconhecimento facial para desbloquear o telemóvel. Atualmente já é possível observar museus que utilizam este tipo de tecnologias, como por exemplo o Archaeological Museum of Thessaloniki, na Grécia, assim como o British Museum, em Londres, contrastando com o cenário observado em território nacional, no qual adquirem relevo os *QR Codes*, a Realidade Virtual e Aumentada para dinamização de exposições. Neste âmbito, a exploração deste tipo de soluções tecnológicas é o que se pretende ambicionar, através da apresentação

¹² Paula do Nascimento é doutoranda em Arqueologia e Pré-história na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e investigadora do Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). A sua investigação foca-se na área do património digital e na otimização da gestão de coleções museológicas, através do desenvolvimento do seu projeto “Bens Culturais em Movimento no MNA: novos desafios”, que explora tecnologias emergentes aplicadas à rastreabilidade de objetos presentes no Museu Nacional de Arqueologia (MNA). A nível de formação académica possui Licenciatura e Mestrado em Arqueologia pela mesma instituição, tendo aprofundado o estudo da evolução dos métodos de representação gráfica na dissertação “A Evolução do Desenho Arqueológico: das Primeiras Formas de Arte ao Grafismo Tecnológico”. Com experiência em documentação arqueológica e inovação tecnológica, Paula dedica-se à exploração de novas metodologias digitais que contribuam para a modernização dos métodos de preservação patrimonial.

de um caso prático que decorre no âmbito do projeto de Doutoramento. Trata-se de explorar a aplicabilidade da inovação tecnológica para rastrear o acervo do Museu Nacional de Arqueologia. Ultrapassando as barreiras erguidas pelos métodos tradicionais e alcançar resultados fidedignos, permitindo diminuir etapas morosas, assim como o erro humano e a perda de informação, que por vezes acontece. A rastreabilidade dos bens culturais em tempo real pode ser uma das chaves para o futuro da gestão de coleções, aqui utilizando o Museu Nacional de Arqueologia como caso de estudo, demonstrando a continuação da preservação e a salvaguarda do património cultural.

Palavras-chave: Património; Arqueologia; Tecnologia; Visão Computacional; Rastreabilidade.

O CONJUNTO NUMISMÁTICO DO MOSTEIRO DE SÃO JOÃO DE TAROUCA: O SEU ESTUDO E DISPONIBILIZAÇÃO

INÊS GUEDES (FLUP) ¹³

<https://orcid.org/0009-0004-1769-4261>

Entre 1998 e 2007, foram exumados nas escavações do Mosteiro Cisterciense de São João de Tarouca 399 numismas. Até 2022, quinze anos após ter terminado uma das escavações mais longas do País, promovida pelo extinto IPPAR, as moedas continuavam desprovidas do seu devido estudo, apesar de terem sido submetidas a processos de conservação e restauro, devido à impossibilidade de estudar todos os materiais na época da intervenção.

Receberam a merecida atenção no último ano supramencionado, na consequência da realização de uma dissertação de mestrado, por nós defendida em 2025 e intitulada “A intervenção arqueológica no Mosteiro de São João de Tarouca. Estudo do seu espólio numismático (Séc. XII-XIX)”. Esta investigação permitiu, entre várias coisas, destrinçar aspetos da vida económica e financeira dos monges, desconhecidos até então. Revelavam-se prementes estes resultados, dado que, lidamos com uma população que tão fortemente marcou as terras onde assentou, bem como a conjuntura monástica nacional.

Estudos sobre conjuntos numismáticos monásticos são um domínio, segundo o nosso conhecimento, ainda largamente inexplorado no panorama académico, no entanto, repleto de potencial, uma vez que fornece importantes considerações sobre o tecido económico destas comunidades.

Finda a sua realização e respetiva defesa em provas públicas, procurou-se tornar este estudo, bem como os seus resultados, públicos, atuando numa perspetiva de democratização do património, recorrendo para isso aos meios digitais. Para tal, utilizou-se o arquiv@ - Arquivo Online do Património Cultural I.P., plataforma de livre acesso que permite a todos os interessados fruição livre dos resultados atingidos.

A comunicação oral que se apresenta visa esclarecer como foi feita a sua disponibilização, apelando à partilha, através dos novos meios de comunicação, dos

¹³ Inês Guedes é mestre em Arqueologia (2025) pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, exerce desde 2024 funções na arqueologia empresarial, tendo, antes disso, participado em dezenas de escavações voluntárias por todo o país, o que lhe permitiu escavar vários períodos históricos e diferentes contextos. A par disso, colaborou, entre 2024 e 2025 com o projeto Arquiv@ - Arquivo Online do Património Cultural I.P., sendo responsável pela parte da documentação arqueológica. No âmbito da sua dissertação de mestrado, orientada pelo Professor Doutor Mário Barroca e pelo Doutor Luís Sebastian, estudou o conjunto numismático exumado nas escavações do Mosteiro Cisterciense de São João de Tarouca, realizadas entre 1998 e 2007. Tal estudo permitiu conhecer aspetos da vida económica e financeira dos monges tarouquenses que habitaram aquele cenóbio por quase sete séculos.

resultados dos variadíssimos estudos que diariamente são apresentados à comunidade científica e académica.

Palavras-chave: Numismática; Mosteiro de São João de Tarouca; Arquivo Online.

[RE] PENSAR, [RE] ENCONTRAR, [RE] CONFIGURAR O PAPEL DO “ARQUIVO” ENQUANTO PATRIMÓNIO CULTURAL: QUE DESAFIOS PARA O SÉC. XXI?

IVANOELA DO NASCIMENTO PÓVOAS (NOVA FSCH) ¹⁴

<https://orcid.org/0009-0003-8090-3217>

A ideia de que o “arquivo” consubstancia espaços ou documentos neutros tem vindo a perder força ao longo dos anos. Gradualmente os arquivos têm vindo a ser potencializadores de conhecimento transversal às diferentes áreas da sociedade com base em memórias e na diversidade pois, são veículos de partilha de informação. Informação essa que, por vezes se encontra “intocada” ou como na visão do filósofo francês Jacques Derrida (1930-2004) hermeticamente fechada, domiciliada no princípio arcôntico.

Num mundo globalizado progressivamente mais representativo e participativo, aliado ao mundo da informação e ao rápido desenvolvimento da tecnologia digital e da inteligência artificial importa perguntar: que novos desafios enfrenta o património cultural material e imaterial no século XXI?

No décor da sociedade atual, época de desafios e de incertezas, impõe-se [Re] pensar, o papel do “arquivo” *per si* na sua dimensão enquanto arquivo/espólio e na sua dimensão de arquivo/topus/lugar.

O arquivo digitalizado é fonte de preservação e de acessibilidade ao conhecimento e à informação. Será suficiente disponibilizar a informação digitalmente? Será o “arquivo” um lugar *ab aeterno* que abre portas para o novo em constante mudança e renovação ou um arquivo um lugar *ad aeternum*, que nunca se cumpre e nunca acaba? Que arquivo queremos para o futuro? Ter-se-á de perspetivar um lugar a ser

¹⁴ Ivanoela do Nascimento Póvoas tem desenvolvido trabalho na área das artes e cultura em instituições particulares de solidariedade social, com públicos jovens, seniores e pessoas portadores de multideficiência. Presentemente, trabalha num Arquivo Municipal, na área de arquivo fotográfico, sua digitalização, descrição e difusão. É licenciada desde 2009 em Promoção Artística e Património pela Escola Superior de Educação de Setúbal-Instituto Politécnico de Setúbal, pelo que as questões relacionadas com o património artístico e cultural, material e imaterial são foco de interesse. Realizou o mestrado em Educação, Práticas Artísticas e Inclusão (2022/2023-2023/2024) também pela ESE-IPS. A dissertação (<http://hdl.handle.net/10400.26/54074>) surge da criação de um objeto autoral inspirado nas «boîte-en- valise» de Marcel Duchamp e no conceito de «objeto relacional» da artista Lygia Clark e foi pensado para divulgar e difundir um espólio fotográfico interligando o conceito de arquivo com os eixos: educação , arte e inclusão promovendo a democratização da cultura e a democracia cultural. Presentemente encontra-se matriculada no doutoramento em História da Arte - Especialização em Museologia e Património Artístico na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa.

imaginado, pensado e [Re] pensado como um lugar ideal, «um mundo novo», neste caso, um “arquivo novo”?

Portanto, importa [Re] encontrar e [Re] configurar caminhos para que o arquivo não esteja cristalizado num domicílio digital ou local e perceber como devolver o conhecimento à comunidade, como preservar, difundir o património cultural e transformá-lo em propulsor de educação, promovendo a consolidação da democracia para uma sociedade mais participativa, igualitária e inclusiva

Neste contexto, a articulação do arquivo com práticas artísticas tem vindo a ganhar espaço como abordagem de [Re] configuração do património arquivado promovendo sinergias entre a democratização cultural e a democracia da cultura, paradigmas complementares que fomentam a representatividade e a diversidade, desafios da contemporaneidade.

Palavras-chave: Património; Democratização Cultural; Arquivo Digital; Educação; Democracia Cultural.

VER ALÉM DO ÓBVIO... A INVESTIGAÇÃO DEMOCRATIZA O ACESSO E ACLARA “PATRIMÓNIOS PERDIDOS” NAS COLEÇÕES DO MUSEU DE LAMAS

JOSÉ CARLOS AMORIM (FLUP/Museu de Santa Maria de Lamas) ¹⁵

<https://orcid.org/0009-0002-6588-628X>

Ao abrigo das reflexões deste encontro, apresentamos uma investigação e seu impacto na democratização do acesso a uma coleção. Trazemos para debate património que ao obter novos usos garantiu a sua continuidade. Mas pegamos nas descobertas granjeadas e, pelo papel de académico e mediador do Historiador de Arte no século XXI, ponderamos os recursos que este trabalho pode despoletar: tese de doutoramento; adaptação ao *backoffice* de aplicações interativas (*Zoomguide*); possibilidades de gerar dados para reproduzir digitalmente os espaços de onde vieram os “patrimónios perdidos” que temos identificado.

Especificando, existe muita talha dourada ou imaginária barroca apeada de Conventos, Catedrais, Igrejas ou Capelas cuja ressignificação no colecionismo privado ditou a sua sobrevivência à extinção das ordens religiosas (1834), ou aos restauros puristas que o Estado Novo aplicou nos Monumentos Nacionais. Contudo, ingressar em coleções nem sempre democratizou a acessibilidade ao conhecimento destes objetos. Muitas vezes ao serem submetidos a fetichismos de quem deles se apossou, deu-se o oposto. Cabe à História da Arte dar importância à pesquisa sobre este género de património e devolver-lhe a realidade.

Enquanto espelho desta circunstância, trazemos uma coleção repleta de talha e peças devocionais que, não obstante o desdém, configura o destino dos últimos vestígios, tidos como perdidos, de locais que o tempo mudou ou apagou. Falamos do espólio que o corticeiro Henrique Amorim (1902-1977) distribuiu pelo Museu de Lamas, onde, afora outras questões, aclaramos o tratamento que no século XX foi dado a algum património português. Aqui, além de trocar cartas com Salazar e recorrer ao antiquário Joaquim Carneiro (da Póvoa de Varzim), este Colecionador angariou para a igreja local altares da Sé do Porto; adquiriu para o museu capitéis da Sé de Braga;

¹⁵ José Carlos Amorim é licenciado (2009) e mestre (2012) em História da Arte (2009), ambos concluídos na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP). Também na FLUP, orientado pela Professora Doutora Ana Cristina Sousa, é doutorando em Estudos do Património, ramo História da Arte, com o tema: “Domus Áurea (e) Arquivo de Fragmentos de Arte – O Museu de Lamas: coleções e cenografias de um colecionador”. Entre setembro de 2024 e março de 2025 foi bolseiro no CITCEM. Exerce, desde 2010 e no Museu de Lamas, as funções de Historiador da Arte. É autor de artigos em publicações da especialidade. Bem como, de comunicações em fóruns e colóquios na FLUP (2015, 2021 e 2024); nas Faculdades de Letras das Universidades de Lisboa (2018) e Coimbra (2024); no Museu Soares dos Reis (2018 e 2024); na Fundação Gulbenkian (2023); no Museu Medeiros e Almeida (2024); no Palácio da Ajuda (2024), etc.

acedeu a retábulos que em Delães lhe venderam; arrematou o altar-mor do extinto Convento de São Francisco de Vila Real, etc.

Palavras-chave: Museu de Lamas; Coleccionismo; Patrimónios Resignificados; Investigar; Democratizar; Talha; Imaginária.

PRIMITIVOS DE IMAGEM VISTOS SOB OUTRA LUZ – A RECUPERAÇÃO DE INFORMAÇÃO DE IMAGEM EM DAGUERREÓTIPOS PARTINDO DA FOTOGRAFIA DE IV PRATICADA EM PINTURA PRIMITIVA

PAULO DORNFORD DE SANDE (IPT) ¹⁶

O daguerreótipo (1839-1860s), primeiro processo fotográfico prático e difusão mundial, constitui um importante legado visual com importância na história da Fotografia, análoga à dos *Primitifs*, na história da Pintura. São imagens fotográficas analógicas de alta resolução, inteiramente compostas por elementos metálicos (Cu, Ag, Hg, Au), de notável fragilidade, com comportamento ótico de superfícies complexo, geralmente protegidas em estojos ou *passe-partouts*. A formação de diferentes tipos de corrosão de prata, que cobrem gradualmente as superfícies de imagem daguerreana, constituem o principal fenómeno de alteração visual.

A fotografia de infravermelho, na qual este tipo de radiação penetra em alguma profundidade os estratos pictóricos, é um importante recurso no estudo de pintura primitiva, possibilitando a recuperação e visualização de alterações à composição final bem como do desenho subjacente. Inicialmente analógica (fotoquímica), conhece grandes avanços com o desenvolvimento da reflectografia de IV em vídeo analógico (1970) e mais recentemente com o surgimento de sensores de imagem digitais através de imagem multi e *hyperspectral*, bem como na sua forma digital atual.

A imagem daguerreana tem sido amplamente estudada, em termos óticos e de composição material. Todavia, para abordagens de recuperação de imagem apenas existe um precedente com imagem *hyperspectral*.

Com este tipo de métodos fotográficos, a possibilidade de recuperação de imagem foi ensaiada com sucesso em dois casos reais (pintura primitiva portuguesa e flamenga) e posteriormente num conjunto de daguerreótipos, como caso experimental, recuperando se total ou parcialmente as imagens obscurecidas por corrosões.

As informações geradas por meios digitais nos casos de ensaio com pinturas primitivas e nos casos experimentais com daguerreótipos são um potente recurso de

¹⁶ Paulo Dornford de Sande é licenciado em Conservação e Restauro pelo Instituto Politécnico de Tomar desde 2017, é presentemente, estudante de mestrado na mesma instituição, com especialização em documentos gráficos, livro antigo e materiais fotográficos históricos. Tem prática nos campos de fotografia histórico-alternativa (colódio-húmido, albumina, cianotipia, goma dicromatada), fotografia documental técnica de bens culturais e encadernação histórica. Atualmente encontra-se a finalizar investigação histórica, científica e artística em torno da Daguerreotipia de época em Portugal no âmbito da sua dissertação.

investigação e de tomada de decisão na preservação de bens culturais. Contudo, a sua leitura imediata é um forte atrativo à integração em contextos de divulgação fora do meio académico, fomentando-se a democratização do acesso a património visual histórico.

Palavras-chave: Daguerreótipo; Multiespectral; Reflectografia de IV; Pintura Primitiva; Desenho Subjacente.

O VIDEOJOGO ASSASSIN'S CREED COMO FORMA DE MEDIAÇÃO PATRIMONIAL

ANA MADUREIRA (FLUP) ¹⁷

A comunicação oral proposta pretende apresentar os resultados de um questionário, efetuado via Google Forms à comunidade estudantil da Universidade do Porto, sobre a saga de videojogos “Assassin’s Creed”. O questionário foi realizado no âmbito de um artigo que procurou desenvolver uma relação entre as representações patrimoniais presentes no videojogo “Assassin’s Creed” e a forma como os seus jogadores percecionam esse património, tendo como objetivo compreender se o videojogo pode contribuir para a mediação do património, e, por inerência, concorrer para a sua preservação e salvaguarda. Através de 27 perguntas pensadas numa linguagem informal, de forma a serem compreendidas da melhor maneira por jogadores de diversos campos de estudo, foi possível obter informação que consideramos ser valiosa para o estudo do património digital e cultural. Concluímos que o jogo pode ser uma forma de divulgação de património e é indiscutivelmente uma forma de o preservar, mesmo com algumas liberdades criativas.

Palavras-chave: Património Digital; Património Cultural; Videojogo; Assassin’s Creed; Questionário.

¹⁷ Ana Madureira é licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2024) e mestranda em História da Arte, Património e Cultura Visual pela mesma instituição. Tem participado ativamente na organização de eventos culturais, na qualidade de membro do secretariado, como o ciclo de conversas “Os ofícios dos nossos avós” e a exposição “Um século de fundição: da Fábrica dos Paivas à CIF”. Em 2023, integrou a equipa de digitalização e curadoria de dados relativa à desmaterialização do arquivo empresarial da Companhia Industrial de Fundição, atualmente disponível no portal [arquiv@](#) do Património Cultural I.P. Mais recentemente, iniciou a sua atividade científica com a participação no IJUP 2025, onde apresentou a comunicação intitulada “The Passion Triptych in the Chapter House of the Monastery of Santa Maria da Vitória”. Este trabalho foi distinguido pela comissão organizadora do evento.

BARRO NEGRO: DA TERRA AO FOGO

JORGE FILIPE ALVES (ESE P.PORTO) ¹⁸

PATRÍCIA LOBO (ESE P.PORTO) ¹⁹

RUI ROQUE (ESE P.PORTO) ²⁰

Pertencente à ancestralidade rural portuguesa, a cerâmica negra emerge novamente no quotidiano português no século XVIII após um interregno na sua fabricação. Neste trabalho tratou-se de analisar comparativa e etnograficamente a expressão cultural do Barro Negro e a técnica da Soenga que é possível detetar, nas suas formas mais variadas, em diversas regiões de Portugal que, posteriormente analisadas e investigadas, foi possível montar uma perspetiva atual e informativa de quem ainda faz, a manutenção da genuinidade do bem e a mudança que sofreu na sua utilidade expondo a fragilidade da memória e das características etnográficas específicas no método, na abordagem e na sua elaboração, isto é, a sua mais “profunda conceção”, conceito importante na materialidade do imaterial. Assim sendo, colocamos a necessidade da digitalização do que é o princípio principal e o motor da criação do património, as pessoas. Através de gravação de vídeo, fotográfico e sonoro, encontramos uma solução para tornar palpável a conceção, a “alma” depositada veiculada pelas mãos dos oleiros, o impacto regional que transformam este material, a materialização da memória portuguesa e o impacto que esta também traz a outros ramos do património, como a gastronomia na mesa rural das mais comuns famílias portuguesas.

¹⁸ Jorge Filipe Alves (1992), formado como técnico de Turismo Cultural e do Património na Escola de Hotelaria e Turismo do Porto, está também ligado ao associativismo pelo seu papel como Presidente de Direção de uma associação cultural de Matosinhos que defende e promove o património local. É, atualmente, estudante do 3º ano do curso de Gestão de Património Cultural na Escola Superior de Educação do Porto onde encontrou uma grande paixão pelo estudo da etnografia portuguesa.

¹⁹ Patrícia Lobo (1974), estudou artes no Ensino secundário e frequentou o curso de Arquitetura na Universidade Lusíada- Porto. Obteve, em 1995, a categoria de "Nadador Salvador" pelo ISN, e 2º grau de Treinador de natação pela FPN. Em 1999 entrou nos quadros de nomeação definitiva na Câmara Municipal de Matosinhos, como Assistente Técnica, desempenhando até à data a função de técnica de atividades aquáticas. Nadadora de competição no Futebol Clube do Porto, com vários títulos nacionais, foi atleta de polo aquático do CDUP e do Centro Cultural e Desportivo de Gondomar. Atualmente estudante do 3º ano do Curso de Gestão do Património Cultural na Escola Superior de Educação do Porto, participou no BIP (Erasmus+) em Roma em junho de 2025 e foi voluntária no evento OPEN HOUSE em 2025.

²⁰ Rui Roque (1974), bacharelato em Comunicação e especialização em Digital Marketing & Strategy, atualmente a frequentar o 3º ano da licenciatura em Gestão do Património Cultural, na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto. Percurso profissional desenvolvido entre o Jornalismo (offline e online), a criação de conteúdos para publicidade e a Assessoria de Imprensa.

Palavras-chave: Barro Negro; Património Imaterial; Expressão Cultural; Etnografia Portuguesa; Digitalização do Património.

MUSEUS & DEMOCRATIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO

MUSEU COMO LUGAR DE PATRIMÓNIO, MATRIMÓNIO E FRATRIMÓNIO

BARBARA HIGA (UM) ²¹

<https://orcid.org/0009-0005-3223-5773>

Conforme refere a Dra. Ria Lemaire (2018), etimologicamente, compreende-se por “património” o conjunto de bens materiais e culturais da linhagem masculina, enquanto “matrimónio” corresponde aos de linhagem feminina. Contudo, a partir da ótica da questão de género, verifica-se o declínio e silenciamento do termo “matrimónio” e a monopolização do “património”.

A nova definição de museus estabelecida pelo ICOM em 2022 convida-nos a refletir sobre conceitos amplamente utilizados e que carecem de ressignificações. No museu, onde há património não é suposto também haver matrimónio? Onde a memória é partilhada de forma fraterna e reinventada pelos grupos sociais, igualmente consiste em fratrímónio?

A Declaração de Córdoba (2017) define como “fratrímónio” uma herança que se constrói e se partilha aqui e agora, integrando o natural e o cultural, o material e o imaterial.

O vocábulo “museu” origina-se do grego *Museîon*, que significa “Templo das Musas”. As musas são entidades da mitologia grega a quem eram atribuídas a capacidade de inspirar a criação artística, científica e filosófica. São filhas de Mnemósine, deusa da memória, e Zeus, o poderoso deus do Olimpo.

De acordo com Mário Chagas (2002), os museus estão vinculados às musas por herança materna, sendo “lugares de memória”, mas por herança paterna são configurações de poder. Assim, os museus são a um só tempo: herdeiros de memória e de poder, e mais ainda uma herança amiga e fraterna.

²¹ Barbara Higa é estudante do Mestrado em Património Cultural pela Universidade do Minho, historiadora, licenciada pela Universidade Católica de Santos e pós-graduada em Educação Patrimonial. Com mais de 6 anos de experiência nas áreas da Cultura, Educação e Turismo, desenvolvendo projetos educativos, multiculturais e de história. Pretende continuar contribuindo para o estudo e o seu desenvolvimento prático a favor da difusão e preservação do património cultural. Coordenou projeto cultural pela Câmara de Santos, sendo aprovada em 3.º lugar com um projeto de exposição itinerante como curadora e historiadora responsável. A partir dessa exposição, publicou o artigo científico “A força da educação na integração de refugiados no Brasil: crianças russas na cidade de Santos (1958-1968)”, na Revista Diálogo Educacional. Participou de seminários e simpósios internacionais, como o III Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia, na Universidade de São Paulo (USP), o III Seminário Internacional e Intercultural de Museologia, na Universidade Federal de Goiás, e o II Seminário de Património Cultural pela Universidade do Minho, entre outros.

A problemática relativamente à noção hegemónica do património relaciona-se à carga patrimonialista que limita abarcar os múltiplos sentidos implicados na produção e comunicação das culturas.

Em virtude do compromisso social que os museus devem assumir, manifesta-se a importância de refletir sobre matrimónio e fratrímónio, para além de património, e com isso, fundamentar a construção das narrativas museológicas na diversidade e humanidade, no sentido de reconhecer as várias trajetórias e experiências humanas.

Palavras-chave: Património; Fratrímónio; Matrimónio; Museologia.

ICONOGRAFIA MUSICAL NA TAPEÇARIA DE PORTALEGRE - *MAKING OF* DE UMA EXPOSIÇÃO

CLÁUDIA SOUSA (CESEM/NOVA-FCSH/FCT) ²²

<https://orcid.org/0009-0001-9977-122>

Esta comunicação propõe uma reflexão sobre os bastidores da exposição *Tecendo Música: a Iconografia Musical na Tapeçaria de Portalegre*, realizada no Museu da Tapeçaria de Portalegre Guy Fino. A exposição resultou de uma investigação de doutoramento em curso dedicada ao estudo da presença da música na tapeçaria artística portuguesa, e teve como objetivo explorar a forma como elementos musicais — instrumentos, práticas performativas, referências simbólicas ou estruturas rítmicas — são representados visualmente na tapeçaria, com particular incidência sobre a produção da Manufatura de Portalegre.

O projeto expositivo articulou obras de artistas de diferentes gerações e abordagens, como Júlio Pomar, Almada Negreiros, Guilherme Camarinha, José de Guimarães, Tom Phillips ou Carlos Carreiro. Através de uma leitura transversal da iconografia musical, procurou-se evidenciar como a música pode surgir não apenas como tema figurativo, mas também como experiência sensorial, expressão simbólica ou linguagem visual.

A comunicação abordará ainda os processos curatoriais envolvidos, desde a seleção das obras até à estruturação do discurso expositivo, com particular destaque para a colaboração entre instituições, artistas, investigadores e a comunidade educativa. Neste âmbito, será apresentado o projeto pedagógico desenvolvido com um conservatório de música, no qual os alunos do curso secundário de música criaram composições sonoras a partir das tapeçarias expostas, ampliando a fruição e a acessibilidade das obras através de QR Codes.

Mais do que apresentar uma exposição sobre música, este *making of* revela o potencial da tapeçaria como meio interdisciplinar, capaz de cruzar artes, tempos e

²² Cláudia Sousa é licenciada em Estudos Artísticos na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2014); participou no Programa de Intercâmbio Erasmus na Università degli Studi di Parma (2013-14). Tem pós-graduação em Estudos Artísticos - Musicologia Histórica em Coimbra (2015), mestre em Ensino de Música, na Universidade de Aveiro (2019), na variante de História da Música. Iniciou atividade docente na disciplina de História da Cultura e das Artes – Música em 2018, lecionando na Escola de Artes do Norte Alentejano (Portalegre; Ponte de Sor) e no Agrupamento n.º 2 de Abrantes. Participou na Nova FCSH Summer School no curso de "Museologia e Música - Património Artístico Musical dos Museus Portugueses" (2019) e desde então tem-se dedicado à investigação nas áreas da Iconografia Musical e Organologia com especial incidência em Música na tapeçaria portuguesa e em Portugal. Atualmente é bolsista de investigação pela FCT no Programa Doutoral em Ciências Musicais na NOVA-FCSH e está integrada na Linha Temática de Iconografia Musical, no Grupo de Música no Período Moderno do Centro de Estudos de Sociologia e Estética Musical na NOVA-FCSH.

linguagens, e propõe uma abordagem crítica e sensível ao património têxtil portalegrense.

Palavras-chave: Iconografia Musical; Tapeçaria de Portalegre; Exposição; Curadoria.

ÉFE-ÉRRE-Á: “A ESSÊNCIA DO GRANDE MUSEU ACADÉMICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA”

RITA SILVA SOUSA (FLUC) ²³

<https://orcid.org/0009-0005-1733-1206>

O Museu Académico da Universidade de Coimbra surge em meados do século XX. Contudo é apenas nos anos 90 que ganha instalações próprias. O seu espólio conta com milhares de peças. No entanto, desde os últimos anos do século XX que o Museu se encontra com dificuldades financeiras e estruturais. Atualmente, as suas acomodações são no antigo Colégio de Jesus, situado perto do Laboratório Chimico.

O presente trabalho tem como objeto de estudo a exposição “Éfe-Érre-Á – momentos da vida académica”. Para tal, a estrutura deste trabalho encontra-se dividida entre cinco segmentos: Introdução, Estado da Arte e Metodologia; Museu Académico de Coimbra; O ano de 2020; Descrição do Espaço Éfe Érre-Á – momentos da vida académica; Análise Crítica; Propostas para melhorar o Éfe Érre-Á; Conclusão; Referências Bibliográficas; Anexo.

Pretende-se contar sumariamente a história da exposição do “Éfe-Érre-Á”, abordar o afastamento da comunidade estudantil perante o Museu Académico, e, por fim, realizar propostas para melhorar a exposição, nomeadamente a nível da acessibilidade.

Palavras-chave: Museu Académico; Exposição Éfe-Érre-Á; Universidade de Coimbra; Estudantes.

²³ Rita Silva Sousa é aluna da Licenciatura em História, com Menor em História da Arte, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Em 2023 e 2024, foi colaboradora do Núcleo de Estudantes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra da Associação Académica de Coimbra (NEFLUC/AAC), espaço onde coorganizou iniciativas como “Outubro Rosa”, em favor das vítimas de cancro da mama, bem como “Celebrações do mês da História Negra”. Esteve na Comissão Organizadora das Comemorações dos 50 Anos da Independência dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. Desde 2023 que integra a Secção de Jornalismo da Associação Académica de Coimbra (SJ/AAC). No mandato de 2024/2025 foi a coordenadora do projeto “Arquivo da Secção de Jornalismo” e atualmente (2025/2025) é a Presidente. Nesse meio, auxiliou no planeamento da mesa-redonda “Memória Coletiva - O papel dos Arquivos”, em maio de 2024. Em novembro de 2024 e maio de 2025, respetivamente, comandou a mesa-redonda “Associação Académica de Coimbra - Uma Casa de Património? e “Jornalismo e Memória: os desafios Pós-Legislativas”, participando nas conversas como moderadora. Além disso, realizou a exposição “50 anos do 25 de Abril. E os Estudantes?” que integrou o programa comemorativo “25 de Abril - comemorações dos 50 anos”.

A DEMOCRATIZAÇÃO DE UM ESPAÇO MUSEOLÓGICO: A REMODELAÇÃO DA ENTRADA PRINCIPAL DO PALÁCIO NACIONAL DA PENA

MARIANA VANN (CIEBA/FBAUL) ²⁴

<https://orcid.org/0009-0004-8090-2772>

MARTA FRADE (CIEBA/FBAUL) ²⁵

<https://orcid.org/0000-0002-0719-0308>

LUÍS SOARES (PSML/IHA/NOVA FSCH/IN2PAST) ²⁶

<https://orcid.org/0000-0001-5108-6324>

A remodelação museográfica da Entrada Principal do Palácio Nacional da Pena, insere-se num esforço de reorganização das salas expositivas iniciado em 2010, com o objetivo de proporcionar ao público uma leitura cronológica e interpretativa das

²⁴ Marina Vann é licenciada em Ciências da Arte e do Património (2021–2024), com especialização em Conservação e Restauro de Gessos pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, encontra-se atualmente a frequentar o mestrado em Conservação de Arte Moderna e Contemporânea na mesma instituição. Entre 2021 e 2024, colaborou no estudo e intervenção da coleção de escultura da referida Faculdade, trabalho que resultou na publicação de artigos científicos e apresentação de uma comunicação no Palácio Nacional da Ajuda, bem como uma exposição "Os modelos em gesso dos Monumentos Nacionais — Valorização, ensino, investigação". De momento, encontra-se a aprofundar a sua especialização em Conservação e Restauro de Materiais Pétreos, em parceria com o Palácio Nacional da Pena, estando encarregue da intervenção de um conjunto de floreiras em alabastro.

²⁵ Marta Frade iniciou a sua formação na Escola Profissional de Recuperação do Património de Sintra em 1997. Em 2005 concluiu a licenciatura bietápica em Conservação e Restauro no Instituto Politécnico de Tomar. Desde 2018 é doutorada com a tese "Conservação e Restauro de Esculturas em gesso - Valorização, Metodologia e Ensino". Desde esse mesmo ano que trabalha no projeto "Uma outra forma de ver: Sentindo!" onde a réplica é uma forma de arte chegar a todos. Encontra-se a desenvolver o Pós-doutoramento em Belas-Artes na Especialidade de Ciências do Património.

²⁶ Luís Soares, licenciado em Conservação e Restauro, especialização em Pintura de cavalete e Escultura policromada (Instituto Politécnico de Tomar), Mestre em Museologia (Universidade Nova de Lisboa) e Doutor em História da Arte, especialização em Museologia e Património Artístico (Universidade Nova de Lisboa). Com participação, desde 1994, em diferentes intervenções de conservação e restauro em património cultural público e privado, colaborou com a Área de Conservação e Restauro e o Serviço Educativo do Museu Nacional de Etnologia, foi bolseiro de investigação no Arquivo do Palácio Nacional da Ajuda, no projeto "Fontes para a História dos Museus de Arte em Portugal" e contribuiu para a criação do Núcleo Museológico do Concelho de Viana do Alentejo. Cooperou com a Iterartis, Serviços para Museus e Transportes de Arte, Lda., em projetos nacionais e internacionais, de acondicionamento, transporte e montagem de exposições, para diversos ateliês, galerias e centros de arte, museus e palácios. Trabalha como conservador-restaurador (património móvel) no Palácio Nacional da Pena, no Chalet da Condessa d'Edla e no Palácio de Monserrate, geridos pela Parques de Sintra – Monte da Lua, S.A. É membro do Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, na linha de Museum Studies.

várias gerações da família real que ali habitaram. Esta intervenção visa integrar o acervo original à autenticidade dos espaços, evocando a vivência doméstica através de objetos pessoais e da coleção artística de D. Fernando II, cuja presença só é possível graças às intervenções de conservação e restauro realizadas às obras constituintes de cada sala expositiva.

Para tal, uma investigação necessita de ser previamente realizada, baseando-se no estudo de fontes documentais, tais como inventários, registos fotográficos e arquivos, que permitem reconstruir as sucessivas alterações do acervo, sobretudo após a Implantação da República em 1910, quando o Palácio assumiu as suas funções museológicas.

O principal desafio enfrentado, dado o número avultado de visitantes que o Palácio recebe diariamente, consiste em equilibrar a acessibilidade do público às obras com a preservação das mesmas, uma vez que o local original de exposição coloca as peças demasiado expostas ao público, tornando-se um risco, sendo necessário procurar soluções para devolver a leitura do espaço.

Para a restituição dos bens que constituem essas salas, são realizadas intervenções de conservação e restauro que asseguram a reexposição dos objetos em condições adequadas, respeitando a sua integridade material e valor histórico. Para a concretização desta democratização, será necessária uma articulação criteriosa para a fruição do público, estando previsto, nos casos em que não seja possível assegurar a exposição segura dos originais, a produção de réplicas que permitam manter a integridade dos objetos.

O Palácio Nacional da Pena, procura, deste modo, assegurar a preservação do património histórico, mediante uma abordagem que concilia a autenticidade das suas obras com a necessária acessibilidade e valorização museológica dos seus espaços.

Palavras-Chave: Palácio Nacional da Pena; Democratização; Entrada Principal; Remodelação; Conservação e Restauro.

INSPIRING MUSEUM PRACTICES: DEALING WITH DIFFICULT HERITAGE. THE CASE OF LESBOS, GREECE

MATILDE GOMES (CITCEM/FLUP) ²⁷

<https://orcid.org/0009-0009-7381-974X>

É amplamente reconhecido que os museus são agentes de transformação, com influência positiva no seu meio envolvente. Num mundo marcado por rápidas mudanças e desigualdades crescentes, os museus devem abordar questões prementes, como os movimentos migratórios contemporâneos provenientes do Médio Oriente e do Norte de África para a Europa.

A presente dissertação promove o diálogo entre os recentes desenvolvimentos da museologia, como o ativismo museológico, os estudos do património, com foco no conceito de *difficult heritage*, e os estudos das migrações. Fundamentada nas contribuições de Richard Sandell, Sharon Macdonald e Andrea Witcomb, analisa-se o papel dos museus enquanto espaços inclusivos e empáticos, agentes de coesão social e a sensibilização sobre a migração atual e o seu património, com enfoque na Grécia.

Apesar do crescente interesse académico no domínio da migração e do património, denota-se uma escassez de investigação que aborde como estes indivíduos em movimento e as suas expressões culturais podem informar as narrativas e práticas dos museus. Através de uma metodologia qualitativa, que integra uma revisão bibliográfica, uma análise multimodal de quatro desenhos obtidos em um centro comunitário, e um estudo de caso do Museum of Refugee Memory 1922, em Lesbos.

A análise empírica sugere que estes desenhos representam formas poderosas de património emergente, profundamente associados ao trauma e à memória lenta, mas ainda insuficientemente explorados no discurso museológico. Assim, através da adoção de práticas ativistas e parcerias com a comunidade, os museus tornam-se catalisadores para um envolvimento ético e para diálogo intercultural.

Esta investigação contribui para os debates contemporâneos na museologia e nos estudos do património, ao propor estratégias institucionais centradas na inclusão, visibilidade e representação ética das comunidades afetadas pela deslocação.

²⁷ Matilde Gomes é licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2023). É atualmente aluna do segundo ano do mestrado em Museologia na mesma instituição, tendo realizado uma Mobilidade Erasmus+, no âmbito da investigação, em parceria com o Panepistimio Aigaiou (University of the Aegean) na ilha grega de Lesbos, na Grécia. Ademais, foi bolsista de investigação do CITCEM, no contexto do projeto "Contrato-Programa de Financiamento Plurianual de Unidades de I&D 2020-2023". No domínio do voluntariado internacional, participou numa iniciativa da SCI no Campo de Concentração de Neuengamme, na Alemanha, e é membro da Comissão Organizadora da Semana de Museologia, uma atividade anual promovida pelos estudantes Museologia em colaboração com a Faculdade de Letras, o CITCEM e outras entidades.

Palavras-chave: Ativismo Museológico; *Difficult Heritage*; Migração; Envolvimento Comunitário.

O DESAFIO DA ACESSIBILIDADE NO PATRIMÓNIO CULTURAL: AS PRINCIPAIS PROBLEMÁTICAS DE ACESSO À CATEDRAL DO PORTO

RAQUEL MARQUES (CITCEM/FLUP/MNSR) ²⁸

<https://orcid.org/0009-0009-1048-1278>

A acessibilidade é uma questão central para garantir o direito de todos os cidadãos ao acesso à cultura. Honrar o património cultural é honrar a humanidade. No entanto, garantir o acesso ao património por todos acarreta a eliminação de barreiras, tanto físicas como sociais, nos espaços destinados à fruição da herança cultural. Os documentos internacionais têm visto a cultura como um direito humano desde a aprovação da “Declaração Universal dos Direitos Humanos” (1948) e, posteriormente, da “Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência” (2006). Nesse sentido, o presente artigo tem como propósito apresentar uma reflexão sobre os conceitos de acessibilidade e turismo acessível, tanto das normas internacionais como da legislação nacional e efetuar um diagnóstico das condições de acessibilidade na Catedral do Porto, através de métodos de observação não participante e recolha fotográfica. Como resultado, espera-se apresentar recomendações para uma acessibilidade inclusiva na Sé do Porto.

Palavras-chave: Acessibilidade e Inclusão; Turismo Acessível; Catedral do Porto.

²⁸ Raquel Marques é licenciada em Arqueologia em 2017 pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e mestre em Património, Artes e Turismo Cultural em 2019 pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto (ESE/IPP). Doutoranda em Estudos do Património (FLUP), especialização em Museologia, bolseira da FCT (PRT/BD/155004/2023) e colaboradora no Grupo de Investigação “Educação e Desafios Societais” do CITCEM. A sua área de investigação tem sido orientada para o património e o turismo cultural, com especial enfoque na Catedral do Porto. O seu campo de investigação tem crescido no âmbito da acessibilidade, gestão de risco e capacidade de carga.

ACESSIBILIDADE NO PATRIMÓNIO: QUEBRAR BARREIRAS, CONSTRUIR INCLUSÃO EM PORTUGAL

DANIELA FATELA GERALDES (I2ADS/FBAUP) ²⁹

<https://orcid.org/0000-0002-6349-957X>

Este artigo parte da seguinte questão: de que forma os museus e instituições culturais em Portugal estão a promover a inclusão de pessoas cegas e com baixa visão, e em que medida essas práticas envolvem a participação ativa das próprias pessoas com deficiência? Partindo da relevância da acessibilidade cultural e da máxima “Nada sobre nós sem nós”, o estudo analisa projetos que procuram combater o capacitismo e promover uma cultura mais inclusiva, em consonância com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. A investigação adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise de estudos de caso e na realização de entrevistas com membros da ACAPO – Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal, procurando compreender as suas experiências e perspetivas. Serão examinadas práticas concretas como exposições com elementos táteis, audiodescrição, braille e tecnologias de apoio, avaliando o seu impacto e os seus limites. O artigo pretende contribuir para o debate sobre a acessibilidade na cultura portuguesa, questionando até que ponto os projetos existentes incorporam verdadeiramente a voz das pessoas com deficiência e promovem a participação plena na vida cultural.

Palavras-chave: Acessibilidade Cultural; Inclusão; Património Acessível; Direitos das Pessoas com Deficiência; Democratização da Cultura.

²⁹ Daniela Fatela Geraldes (Vila Nova de Gaia, 1998) é licenciada em Som e Imagem pela Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa, onde realizou trabalhos em fotografia, multimédia, som e cinema, incluindo as curtas *Brisé* (2019) e *Mãos Frias Coração Quente Amor Ausente* (2020). Em 2020, ingressou no Mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, com a dissertação *A digitalização como meio: investigação e comunicação em História da Arte*. Foi membro do Núcleo de Estudantes de História da Arte entre 2021 e 2022. Em 2022, integrou a plataforma Jovens Artistas Portugueses, tendo exposto a obra fotográfica *As Portas da Perceção* em vários espaços de Lisboa. É autora do podcast *Daniela Fatela Geraldes – obras* e dos livros *Mãos Frias – Cadernos de Poesia 2020–2022* e *O que é doce nunca amargou – Cadernos de Poesia 2022–2024*. Atualmente, frequenta o Doutoramento em Educação Artística na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, onde desenvolve, em parceria com o Museu Nacional de Soares dos Reis, um projeto de acessibilidade para pessoas cegas e com baixa visão, centrado na criação de imagens em relevo e num futuro manual para museus.

VOZES QUE CIRCULAM: A INICIATIVA DE UM SISTEMA ÚNICO DE CULTURA CIRCULAR EM MARICÁ

ISIS DE SOUZA MACEDO (UAlg/UFG/ Secretaria de Cultura e das Utopias de Maricá)

³⁰

<https://orcid.org/0009-0001-7475-9891>

LORENA GUIMARÃES LEAL DOS SANTOS (Secretaria de Cultura e das Utopias de Maricá) ³¹

<https://orcid.org/0009-0007-3484-8973>

Quatro distritos, 362 km², inúmeras memórias, histórias e identidades em uma cidade em constante transformação econômica: Maricá. Como valorizar, gerar conexão, escuta, participação na produção e promoção da cultura e dos nossos patrimônios? Este é o desafio da Secretaria de Cultura e das Utopias, que lança ainda em 2025 seu Sistema Único de Cultura Circular, o SUCC.

É preciso levar em consideração algumas particularidades do município, como o investimento massivo em políticas públicas através do rendimento de royalties de petróleo; localização na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro (Brasil) e a recente migração em massa de novos habitantes em busca de uma melhor qualidade de vida.

O SUCC, conceituado pelos estudos de autores como Pierre Nora sobre história, memória e lugares, surge com o objetivo de valorizar os saberes e ofícios tradicionais na cidade através da memória oral e participação comunitária, respeitando as

³⁰ Isis de Souza Macedo é Museóloga formada pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e mestre em Gestão de Marketing (Universidade do Algarve - PT), Guia de turismo e Educadora Popular. Está gerente da Secretaria de Cultura e das Utopias de Maricá (RJ) e atua no Núcleo de Patrimônio Cultural e Projetos Especiais da mesma; tem experiência como Museóloga no Museu Casa Darcy Ribeiro, foi bolsista de Extensão e Monitoria na UNIRIO, estagiária de museologia nos Museus Castro Maya, Museu Histórico Nacional, Museu Casa de Rui Barbosa, etc. É pesquisadora nas áreas de patrimônio, memória, identidade(s) e Museologia Social. Participou como autora do trabalho "Pastel de camarão da Ritinha: a praia, o museu e a escola integrados através da educação patrimonial e museal", no XIV Encuentro Regional CECA LAC; e também do trabalho "Um Museu no meu Quintal: experiências de articulação territorial do Museu Casa Darcy Ribeiro e seus vizinhos" no 1º Simpósio do Museu de Mariana.

³¹ Lorena Guimarães Leal dos Santos é formada em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e pós-graduada em LIBRAS pela UNINTESE. Atualmente trabalha no núcleo de Patrimônio Cultural e Projetos Especiais na Secretaria de Cultura e das Utopias de Maricá (RJ), tem experiência como Educadora Museal do Museu Casa Darcy Ribeiro e como bolsista pela CAPES no PIBID, Residência Pedagógica e Monitoria em História da América I. Participou como co-autora do trabalho "Pastel de camarão da Ritinha: a praia, o museu e a escola integrados através da educação patrimonial e museal", no XIV Encuentro Regional CECA LAC e como autora do trabalho "A Obra, A Palavra, O sinal: Uma atividade educativa de LIBRAS na exposição", no 23º Congresso Internacional do INES.

especificidades das vozes que circulam na cidade. Com isso, a necessidade de uma organização unificada e sistematizada sobre os agentes da cultura e as manifestações culturais de Maricá agrega o que foi construído historicamente por moradores e visitantes do município, que percebem mudanças significativas e estruturais do que pode ser considerado patrimônio ao longo dos últimos anos.

Levando em consideração o alto número de habitantes distribuídos em um longo território, estrategicamente são executadas as seguintes atividades e projetos: Expedições Culturais, promovendo intercâmbio entre moradores; Educação Patrimonial, que através de ações com as comunidades e estudantes das escolas públicas incentiva o pensamento crítico sobre as expressões patrimoniais da cidade; Reuniões Setoriais, que reúne grupos representativos da sociedade civil e poder público em um diálogo em prol do enfrentamento de obstáculos no que tange a valorização dos saberes locais; Agenda Cultural Integrada, com a promoção de todas as formas de manifestação cultural da cidade, além de projetos que alimentam o que chamamos de Inventário Participativo, produto onde a própria comunidade é protagonista no processo de identificação e registro de suas referências culturais (IPHAN, 2016). Como resultado dessas iniciativas, o Mapa do Patrimônio Cultural Afetivo de Maricá integra de forma física e virtual todos os espaços e dados levantados pelo Sistema Único de Cultura Circular.

Palavras-chave: Maricá; Patrimônio Cultural; Arte, Democratização.

MEMÓRIAS EM (RE)CONSTRUÇÃO: NOVAS LEITURAS PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DO ACESSO AO PATRIMÓNIO DO OBSERVATÓRIO GEOFÍSICO E ASTRONÓMICO DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

LUCIANA FONTANA (FLUC) ³²

<https://orcid.org/0009-0000-7236-4370>

FÁBIO MONTEIRO (CITEUC/CQC/FLUC) ³³

<https://orcid.org/0009-0005-5612-3522>

MARIANA BRUM (CQC/FLUC) ³⁴

<https://orcid.org/0000-0002-9291-5405>

Este estudo propõe uma leitura crítica do espólio do Observatório Geofísico e Astronómico da Universidade de Coimbra, entendendo-o como um espaço patrimonial marcado por relações de poder em múltiplas escalas – institucional, territorial e epistémica.

O Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, criado no século XVIII durante a Reforma Pombalina, foi inaugurado em 1799 no Paço das Escolas. Em 1951, foi transferido para Santa Clara durante as obras da Cidade Universitária durante o Estado Novo.

A partir da análise do mobiliário histórico do século XX, concebido durante esse regime, evidencia-se a materialização de uma ordem hierárquica expressa tanto no desenho funcionalista dos objetos quanto na seleção dos materiais que reforçam a distinção entre os colaboradores da instituição.

Na escala territorial, a criação da Zona de Proteção do Observatório em 1949, estabelecida com o objetivo de salvaguardar as condições ideais para a investigação astronómica, introduziu um regime de controlo sobre o espaço urbano, subordinando os interesses da comunidade local a questões técnico-científicas. Este

³² Luciana Fontana é graduada em Direito, pós-graduada em História da Arte e pós-graduada em Políticas de Género, Igualdade e Não Discriminação. Atualmente, frequenta o Mestrado em Património Cultural e Museologia na Universidade de Coimbra.

³³ Fábio Monteiro é doutorando em Património Cultural e Museologia na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Desde 2017, é técnico superior na mesma universidade, desempenhando atualmente funções relacionadas com a gestão de coleções científicas e visitas educativas no Observatório Geofísico e Astronómico.

³⁴ Mariana Brum é doutoranda em Património Cultural e Museologia pela Universidade de Coimbra. Sua pesquisa explora património cultural, estudos pós-coloniais e curadoria compartilhada em museus, com foco particular no contexto luso-brasileiro. Atualmente, é bolseira de Doutorado FCT-PRIS-UFRRJ-2024. 18380.PRT, financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia

processo gerou tensões documentadas nos arquivos administrativos, expondo as assimetrias entre a autoridade institucional e os habitantes.

Finalmente, a análise do acervo cartográfico do Observatório, nomeadamente, os mapas do Brasil, que desempenharam um papel fundamental na demarcação dos territórios coloniais portugueses. Contemporaneamente, a sua exibição acarreta complexidades éticas, pois serviram como instrumentos para a expansão colonial, ao mesmo tempo em que promoviam os interesses económicos de Portugal.

A investigação serve-se da análise de fontes documentais primárias e secundárias como metodologia para integrar estas três dimensões: material, territorial e simbólica. Deste modo, interrogam-se os modos de constituição da memória científica, convidando à reflexão sobre os desafios contemporâneos da democratização do património. Em particular, questiona-se quem participa, quem é silenciado e como é possível reconstruir narrativas mais inclusivas e críticas sobre o legado científico, através de práticas curatoriais colaborativas, abertura arquivística e sensibilização para os impactos históricos do conhecimento produzido.

Palavras-chave: Património Científico; Observatório Astronómico; Democratização do Património.

REFLEXÃO SOBRE O QUADRO DAS POLÍTICAS DE RESTITUIÇÃO DO PATRIMÓNIO CULTURAL: CASO DE ESTUDO DOS TESOUROS MESOAMERICANOS DO MHNC-UP

HENRIQUE AZEVEDO PEREIRA SILVA (FLUP) ³⁵

<https://orcid.org/my-orcid?orcid=0009-0000-3921-2615>

Na atualidade, termos como “Restituição” e “Repatriação” de obras de arte estão relacionados com o conceito de “Decolonização” em diversas áreas de estudo como a etnografia, a antropologia e a história da arte. Decorrente da realização do estágio e investigação para a tese de mestrado que se centra no estudo das iconografias, simbologias e colecionismo dos artefactos Mesoamericanos presentes no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP), este trabalho visa sumarizar a evolução das políticas de repatriação cultural implementadas por diversas organizações internacionais e influentes tais como a ICOM (International Council of Museums), a UNESCO e também de órgãos intergovernamentais como o ICPRCP (Comité Intergovernamental para a Promoção da Devolução de Bens Culturais aos seus Países de Origem ou a sua Restituição em caso de Apropriação Ilícita) interligados com a coleção pré-colombiana – particularmente dos Estados Unidos Mexicanos – presente no MHNC-UP. Embora as informações sobre as explorações arqueológicas dos artefactos sejam bastante escassas, criar-se-á uma narrativa diacrónica da trajetória das peças desde o século XIX até à atualidade como também das principais convenções relacionadas ao tráfico ilícito do Património Cultural, tendo como ponto de partida a Convenção da UNESCO de 1970, que entrou em vigor no ano de 1972. Concomitantemente, mostra-se importante referenciar um documento elaborado pelo ICOM: o Código de Ética para Museus (1986). Este regulamento mostra como a definição do termo Museu tem vindo a evoluir ao longo do tempo, tendo a sua última redefinição estipulada na Conferência Geral da ICOM em Praga, em 2022. Enquadrar-se-á também neste artigo a importância da Convenção de Faro de 2005, com vista a demonstrar a preocupação da inclusão de novos discursos sobre o património cultural, assim como a legislação nacional e regional mais direcionada ao caso dos Estados Unidos Mexicanos. Neste sentido, problematizar-se-ão duas

³⁵ Henrique Azevedo Pereira Silva, de 26 anos, é licenciado em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e frequenta o mestrado de História da Arte, Património e Cultura Visual na mesma instituição. Atualmente encontra-se a desenvolver a tese de mestrado intitulada "Análise Iconográfica dos Tesouros Mesoamericanos do MHNC-UP" tendo desenvolvido, entre outubro de 2023 e março de 2024, um estágio curricular no museu. Em 2024 participou no evento de Investigação Jovem da Universidade do Porto (IJUP) e, no âmbito dos projetos desenvolvidos durante o mestrado, colaborou para a realização da exposição "As Viagens de Abel Salazar: Paris 1934" patente na Sala do Fundo antigo da Reitoria da Universidade do Porto. Atualmente, concilia o trabalho como Guia de Enoturismo com o desenvolvimento do projeto de mestrado demonstrando uma boa capacidade de organização e planeamento.

questões fundamentais: podemos aplicar as regulamentações em vigor de restituição patrimonial ao espólio de peças pré-colombianas do MHNC-UP? De que forma?

Palavras-chave: Repatriação; Descolonização; Democratização; Património Cultural; Convenções; Restituição.

NOVOS PATRIMÓNIOS

COSA MENTALE: A CONCEPTUALIZAÇÃO DA ARTE E A RECONCEPTUALIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO

ANA GUEDES (FLUP) ³⁶

<https://orcid.org/0009-0009-9657-0027>

Ainda que a arte conceptual, pela sua natureza intangível, constitua um dos objetos de estudo da História da Arte que mais concorreu para a reinterpretação do conceito de Património Cultural, poucos são os contributos científicos que a abordam sob essa perspetiva. A presente investigação – uma primeira reflexão sobre a temática – procura, precisamente, colmatar essa lacuna, partindo de uma contextualização do conceptualismo que o posiciona enquanto tendência exploratória transversal a grande parte da produção artística do século XX, salientando o seu papel na redefinição dos bens culturais e das entidades responsáveis pela sua tutela. Para tal, este estudo alicerçou-se numa revisão compreensiva de literatura, complementada por uma análise de documentos que refletem o discurso hegemónico afeto ao Património Cultural na diacronia, bem como de textos que o contestam de forma criteriosa. Concluiu-se que o conceptualismo transformou a compreensão do que é – ou pode ser – arte, provocando alterações significativas na sua relação com aqueles que a produzem, com as instituições culturais que a administram e salvaguardam, e com a própria sociedade. Verificou-se também que a arte conceptual favoreceu uma mudança no entendimento da missão dos museus enquanto espaços de promoção do debate e do pensamento crítico – situando-se a par do desenvolvimento de uma museologia mais inclusiva e heterogénea, – contribuindo para a consciencialização dos processos de ressignificação cultural a que os objetos são sujeitos quando submetidos a atos de patrimonialização. Por fim, identificaram-se alguns dos aportes que o conceptualismo pode ainda trazer à discussão concernente a classificação do Património Cultural, nomeadamente quanto à legitimidade de desconectar categoricamente as dimensões materiais e imateriais dos recursos que o constituem.

Palavras-chave: Património Cultural; Património Material; Património Imaterial; Arte Conceptual; Museologia.

³⁶ Ana Guedes é licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde frequenta atualmente o mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual. Ao longo do seu percurso académico, tem vindo a desenvolver investigação orientada para as práticas e movimentos artísticos dos séculos XX e XXI, objetos de estudo que constituem as suas principais áreas de interesse científico.

PAREDES LIMPAS POVO MUDO - A ARTE URBANA POLÍTICA E O SEU VALOR

ANA BEATRIZ MACHADO (FLUP) ³⁷

<https://orcid.org/0009-0003-7257-0889>

A arte urbana é uma forma de expressão artística que se manifesta em diversas superfícies citadinas e, por se encontrar em locais públicos, é mais suscetível ao vandalismo e ao abandono, daí ser tão importante a sua proteção. Em Portugal, apenas a partir de 2013 foi outorgada em Assembleia da República legislação referente a este tipo de manifestações. Não obstante, qualquer tipo de murais ou grafitis que apresentem propaganda política ou publicidade não são abrangidos pelo decreto-lei. Para além disto, esta arte ainda não foi considerada um bem patrimonial pelas entidades oficiais, segundo Ricardo Campos, porque é bastante difícil classificar um bem que tem uma existência curta e instável como património.

No período que se seguiu ao 25 de Abril de 1974, houve uma grande proliferação deste tipo de manifestações, maioritariamente realizadas por partidos políticos e movimentos.

Felizmente, muitas das peças sobreviveram por meio de fotografias, algumas compiladas em arquivos, outras perdidas em álbuns pessoais. É essencial olharmos para a arte urbana, para acervos como o da Universidade de Coimbra, para o livro “Paredes na Revolução” e outros semelhantes e refletirmos a importância da inventariação e investigação deste tipo de manifestações. É também fundamental, ainda que não esteja ao alcance de um mero cidadão, a revisão e aprimoramento legal para a salvaguarda de todos os tipos de arte urbana, independentemente da sua conotação.

Tendo como ponto de partida a arte urbana realizada no pós 25 de Abril, tema da nossa dissertação de mestrado, e olhando para as manifestações dos dias de hoje, propomos refletir sobre os entraves à valorização desta arte; a importância da sua salvaguarda e registo; e a questão do seu valor artístico-cultural e respetiva

³⁷ Ana Beatriz Machado, 24 anos e natural de Santo Tirso, é licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Pela mesma instituição, encontra-se em vias de terminar o mestrado em História da Arte, Património e Cultura Visual, com a apresentação de uma dissertação sobre a arte urbana no pós 25 de Abril (caso de estudo do livro “As Paredes na Revolução”). No final de 2024, frequentou um curso breve de especialização em museologia, com formações presenciais em diversas instituições museológicas de Londres e Oxford. Tem experiência no campo arqueológico, tendo participado nas escavações da Cidade de Bagunte, no ano de 2020. Em 2023, participou na reorganização das fichas de inventário do Museu Abel Salazar e na concretização de novas fichas. Mais recentemente, levou a cabo uma aula aberta na Biblioteca Municipal de Barcelos, em parceria com a Universidade Sénior da cidade, sobre a arte urbana. Posteriormente, para os alunos de pintura da mesma instituição, lecionou uma aula sobre o mural como objeto de memória histórica.

patrimonialização. Para tal, iremos debruçar-nos sob a legislação outorgada até ao momento e procuraremos explorar a criação urbana e as suas diferentes manifestações.

Palavras-chave: Arte Urbana; Arte Política; Valorização Patrimonial; Salvaguarda Patrimonial.

UM OLHAR CÚMPLICE: O PARQUE MAYER E A REVISTA À PORTUGUESA PELOS OLHOS DE VELO GOMES DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

RAQUEL MIRA (FLUL) ³⁸

<https://orcid.org/0009-0002-3503-5003>

Partindo da dissertação de Mestrado “Tirem tudo ao Alfacinha, mas não lhe tirem a Revista: As produções do Parque Mayer entre 1968-1974”, propomo-nos a realizar um Doutoramento na mesma área, o Teatro de Revista em Portugal no século XX. Neste ganha destaque o espólio do fotógrafo Manuel António Velo Gomes, cuja carreira ocorre na segunda metade do século XX. O objeto de estudo será a obra do fotógrafo citado, no qual estão documentadas muitas peças levadas à cena no Parque Mayer, assim como vivências dos membros da comunidade, cujo estudo aprofundado permite recuperar memórias e pensar em termos de preservação de património imaterial. Propomo-nos a contribuir com uma abordagem científica e inclusiva das fontes históricas e iconográficas para o estudo desta área, gerando conhecimento inédito e relevante.

A investigação tem duas áreas: o Teatro de Revista, seu impacto no espaço cultural português, e a fotografia documental como base de investigação em História do Teatro. Os objetivos deste doutoramento são: 1. Estudar o espólio fotográfico de Manuel António Gomes; 2. Documentar as principais produções de Teatro de Revista na segunda metade do século XX; 3. Perceber o ambiente artístico e humano vivido no Parque Mayer. A proposta apresentada centra-se: a. abordagem do espólio do fotógrafo e sua importância; b. reconhecimento da fotografia documental para o estudo histórico e iconográfico do teatro; c. relevância do património documental e fotográfico para a história do Teatro de Revista em Lisboa; d. salientar a construção de uma identidade teatral e cultural lisboeta; e. relevância da fotografia para a construção da memória cultural coletiva; f. o impacto cultural de alguns dos guiões que se mantiveram no quotidiano das populações; g. contribuir para o estudo do património imaterial desta forma teatral, através da fotografia; i. a criação de uma base de dados do fotógrafo; j. propostas de comunicação deste património (MNTD), assim como a criação de modelos de partilha científica.

É imperativa uma análise abrangente do Teatro de Revista desde o século XIX até ao XX, em Portugal com o objetivo de compreender o impacto do teatro ligeiro no imaginário cultural da época.

³⁸ Raquel Mira licenciou-se em História Moderna e Contemporânea (2018) pelo ISCTE-IUL, seguindo para o mestrado em Empreendedorismo e Estudos da Cultura na vertente de Património e projeto culturais (2020). Atualmente encontra-se a frequentar o curso de doutoramento de História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa enquanto bolseira da FCT (PRT/BD/153098/2021).

Para a realização desta investigação julgámos ser necessário seguir dois tipos de metodologia: a investigação bibliográfica e documental sobre os vários temas por nós abordados como a história da fotografia; a fotografia enquanto documento/fonte histórico; a importância do arquivo para a investigação; a fotografia documental e a sua extensão para os palcos, mais concretamente em Portugal; a fotografia de cena no Parque Mayer durante a segunda metade do século XX; a integração da fotografia nos acervos museológicos e arquivísticos e ainda a gestão de espólios fotográficos nos museus. Já no que diz respeito ao nosso objeto de estudo a metodologia por nós encontrada para o explorar foi através de investigação documental e trabalho de campo, diretamente no MNTD, ao trabalhar diretamente com o espólio, e com a investigação em outros arquivos, como por exemplo no Arquivo Fotográfico de Lisboa – CML, no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, no Gabinete de Estudos Olissiponenses, na Biblioteca Nacional de Portugal.

Para melhor compreender o Parque Mayer, o fotógrafo e o ambiente vivido na época em que este operou no parque percebemos que seria necessário construir uma história oral através de testemunhos daqueles que privaram e contactaram com Velo Gomes.

Até à data conseguimos estabelecer contacto com Frederico Corado, Ricardo Mesquita de Oliveira, Luís Mascarenhas, Rui Mendes, Hélder Freire Costa, Aurélio Perry, Luísa Afonso, Natalina José e com José Raposo, tendo sido os primeiros a reconhecer o fotógrafo como Velo Gomes. Ainda através de José Raposo, passamos a saber que este no Parque era conhecido como “Vidrinhos” e que era para o ator um grande amigo, e alguém muito querido por aqueles que frequentavam o Parque. Após estas informações e até a data já enviamos vários e-mails para a direção da Casa do Artista, mas infelizmente sem resposta.

Palavras-chave: Arquivos; Fotografia; Teatro de Revista; Século XX; Arte.

OS ÓRGÃOS DE TUBOS NA PAISAGEM SONORA DA CIDADE DO PORTO. REALIDADE ATUAL

ANASTASIA SAZONTIEVA (FLUP)³⁹

A paisagem sonora da cidade do Porto é composta por várias camadas interligadas. São sons do exterior, da rua e do interior que nascem dentro das construções arquitetónicas. Os órgãos de tubos, históricos ou modernos, são uma parte relevante da realidade auditiva que se encontra confinada às igrejas, salas de concerto ou instituições educativas. A posição destes instrumentos na paisagem sonora do Porto atual não é tão afirmativa como o foi outrora. A redução drástica da população nativa do centro histórico do Porto tem relação direta com a sobrevivência dos órgãos. Este fato levanta a seguinte questão: para quem vão tocar os órgãos de tubos da cidade do Porto no futuro? Todavia a perda da função inicial de acompanhamento do culto litúrgico é compensada com práticas performativas, quando o espaço litúrgico se torna uma sala de concerto. A abordagem atual das composições musicais permite a continuação da tradição histórica com o uso de ferramentas recentes. Alguns métodos de gravação e readaptação dos sons garantem a salvaguarda deste património cultural.

A presente comunicação visa contribuir para um estudo interdisciplinar do património da sonoridade urbana, que inclui disciplinas como a musicologia, a acústica, a arquitetura, a arquitetura urbanística, a teologia, a história de arte, a sociologia entre outras. Apresenta-se o estudo dos órgãos de tubos da cidade do Porto enquanto objetos de Património Cultural. Através da análise documental e bibliográfica procuramos o caminho da contextualização dos órgãos e a compreensão do lugar deste instrumento na classificação patrimonial.

A comunicação demonstra a situação atual da vida organística da cidade, da formação de organistas e do funcionamento das escolas e das oficinas de organaria. O presente estudo pretende apresentar alguns casos relacionados com o funcionamento dos órgãos de tubos nos diferentes espaços da cidade do Porto, e levantar a questão da urgência de reanalisar a situação atual da organística portuense.

³⁹ Anastasia Sazontieva, licenciada em História da Arte e Crítica de Arte, Universidade Estatal de Moscovo; licenciada em Música e Pedagogia – ramo de flauta transversal e piano, Instituto Superior de Música e Pedagogia de Moscovo; mestre em História da Arte, Património e Cultura Visual pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal; estudante do 3.º ciclo em Estudos do Património na mesma instituição, coordenação de Professora Doutora Ana Cristina Sousa. Premiada como autora do melhor trabalho de mestrado em 2022/2023 pela Associação Portuguesa de Historiadores de Arte (APHA). Publicou na revista DeArte da Universidade de León o artigo “A Escola do Mestre Organeiro Miguel Hensberg. Inscrições nos Tubos de Órgãos Enquanto Meios de Atribuição”. Comunicações: Oficinas de Investigação CITCEM 2024/2025; 1º Congresso Internacional Sul-Americano de História da Arte 2024. Colóquio internacional - Mulher, espaço público e diálogos interculturais, 2025, CITCEM.

Palavras-chave: Órgãos de Tubos; Cidade do Porto; Património Cultural; Paisagem Sonora.

SALVAGUARDA & CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO

ESTUDO E ACONDICIONAMENTO SUSTENTÁVEL DAS COBERTURAS DE CABEÇA DO MUSEU NACIONAL DOS COCHES

CAROLINA DELICADO (FBAUL) ⁴⁰

<https://orcid.org/0009-0001-3287-8024>

RITA DARGENT (MNC) ⁴¹

ANA BAILÃO (CIEBA/FBAUL) ⁴²

<https://orcid.org/0000-0002-2652-0843>

No âmbito da investigação “Estudo e Acondicionamento Sustentável das Coberturas de Cabeça do Museu Nacional dos Coches”, esta comunicação pretende apresentar os resultados preliminares e promover uma reflexão sobre o processo em curso.

O objeto de estudo centra-se nas coberturas de cabeça como bicórnios e tricórnios, manufaturados entre os séculos XVII e XX. Foram utilizados por serviços da casa real tais como os cocheiros, sotas, trintanários e outos. Embora pouco visíveis na narrativa tradicional do Museu, estes objetos são testemunhos de um património material e social muitas vezes esquecido. A sua fragilidade física levanta questões relevantes acerca da conservação do património têxtil menos reconhecido.

A proposta de acondicionamento ainda em desenvolvimento, visa assegurar a conservação destas peças a longo prazo, adaptadas à sua realidade institucional e especificidade estrutural. A escolha dos materiais, e a aplicabilidade do conceito de sustentabilidade, pode ajudar a prolongar a vida das peças, e como tal, surge a oportunidade de perpetuar a materialidade, mas também a memória e histórias que carregam, valorizando as evidências de uso. Neste contexto, é cada vez mais crucial considerar os impactos dos microplásticos, partículas invisíveis e onipresentes que podem comprometer a preservação e estabilidade dos materiais ao alterar as propriedades químicas dos ambientes de conservação e a interatividade das pessoas com as peças.

A reflexão proposta parte de questões fundamentais que orientam a gestão e a conservação de coleções museológicas:

⁴⁰ Carolina Delicado é licenciada em História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2020–2023), encontra-se atualmente a frequentar o Mestrado em Conservação de Arte Moderna e Contemporânea, na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Desde a licenciatura tem vindo a desenvolver o seu percurso académico, com interesse pela área da conservação preventiva. O seu projeto de mestrado centra-se no estudo e acondicionamento sustentável de coberturas de cabeça, pertencentes à coleção do Museu Nacional dos Coches.

⁴¹ Coorientadora da dissertação de mestrado.

⁴² Orientadora da dissertação de mestrado.

1. Que objetos escolhemos conservar e porquê, considerando critérios como valor histórico, social, representatividade e fragilidade?
2. De que forma a sustentabilidade na conservação pode ir além dos aspetos técnicos e materiais, integrando dimensões éticas, sociais e culturais?
3. Como equilibrar a preservação da materialidade com a valorização das memórias e histórias incorporadas nas peças, reconhecendo seu papel numa narrativa museológica inclusiva?
4. De que modo as práticas de conservação podem ser adaptadas para mitigar impactos ambientais emergentes, como os microplásticos, e promover a responsabilidade ambiental das instituições?
5. Qual é o papel da participação comunitária e das múltiplas vozes na definição das prioridades e estratégias de conservação, assegurando uma abordagem ética e representativa?
6. Como garantir a documentação rigorosa, monitorização contínua e gestão preventiva que assegurem a longevidade das coleções e a capacidade de adaptação a novos desafios e contextos?

Esta reflexão insere-se nos debates contemporâneos sobre o papel da conservação na construção de narrativas mais inclusivas e socialmente relevantes. A sustentabilidade, cada vez mais valorizada, pode ser entendida não apenas como um princípio ambiental, mas também como um caminho para democratizar as coleções museológicas e fortalecer o impacto social dos museus. Contudo, é fundamental analisar como esses conceitos se traduzem em práticas concretas no dia a dia das instituições.

Palavras-chave: Conservação Preventiva; Acondicionamento Sustentável de Têxteis; Coberturas de Cabeça; Museu Nacional dos Coches.

CASA DO MOSCADIM – UM LABORATÓRIO ABERTO PARA CONSERVAR, RESTAURAR E ENVOLVER A COMUNIDADE

LEONOR MALAQUIAS (IPT) ⁴³

FERNANDO COSTA

JOANA SHEARMAN

LILIANA SILVA

A Casa do Moscadim, localizada na vila da Chamusca, é uma casa senhorial que carrega, com a sua História, uma ligação afetiva tanto com famílias ilustres locais, como com o General Beresford, nas Invasões Francesas.

Hoje, associa-se à Associação Portuguesa Casas-Museu, enquanto se transforma num laboratório vivo de Conservação e Restauro, sob a tutela e gestão da *Patrimonium*, em parceria com o Instituto Politécnico de Tomar (IPT) e o Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC).

Os objetivos do projeto passam por conservar o património edificado de forma colaborativa; testar novas metodologias mais sustentáveis, tanto para o património, como para o ambiente e envolver a comunidade ao valorizar a casa.

A metodologia das intervenções acontece de forma gradual e aberta: enquanto as paredes são restauradas e as camadas do tempo são reveladas, aparecem marcas construtivas, técnicas e decorativas que ajudam a entender a História da casa e da vila. Estas descobertas são partilhadas com a comunidade por meio de visitas temáticas, concertos, *workshops* e oficinas de azulejos tradicionais, recuperando técnicas antigas e promovendo diálogos entre os alunos do IPT, os investigadores e as diferentes gerações da localidade.

A casa torna-se, também, um espaço de estudo e de escuta: durante estas atividades, visitantes e vizinhos partilham memórias, histórias de antigos proprietários e episódios que, de outra forma, perder-se-iam. Este processo é fundamental para valorizar o património cultural e fortalecer os laços comunitários, tornando-os um dos elementos centrais para o sucesso da metodologia adotada.

⁴³ Leonor Malaquias é licenciada em Design, Conservação e Restauro. Atualmente, frequenta o Mestrado em Conservação e Restauro no Politécnico de Tomar. Enquanto estudava conservação e restauro conciliava a vida profissional com a sua vertente artística, sendo a fundadora da marca *Velhos São Os Trapos*. Um projeto de cocriação com a missão de preservar e valorizar o saber fazer, juntando os jovens designers com os artesãos idosos dos distritos de Leiria e Coimbra.

Desta forma, “Casa do Moscadim – Um Laboratório Aberto para Conservar, Restaurar e Envolver a Comunidade” apresenta um modelo de conservação e restauro que vai além da técnica ao promover uma herança como um bem comum.

Hoje, representa um laboratório que é vivido e participado, tornando a Casa do Moscadim num espaço onde conservar e restaurar é também conectar, ouvir, entender e construir uma memória coletiva.

Palavras-chave: Cultura; Património; Herança; Salvaguarda; Conservação & Restauro; Comunidade; Inclusão; Partilha.

UMA ABORDAGEM TRANSDISCIPLINAR AO RESTAURO DE TRÊS PEÇAS DE CERÂMICA DO MUSEU BORDALO PINHEIRO: O CRUZAMENTO ENTRE AS TÉCNICAS TRADICIONAIS E AS NOVAS TECNOLOGIAS

MARTA NEVES (NOVA FCT) ⁴⁴

BRUNO SOARES (NOVA FCT)

DAVID MARQUES

JÉSSICA PINTO (FBAUL/VICARTE-NOVA FCT)

FERNANDO CARVALHO (VICARTE-NOVA FCT)

SUSANA COENTRO (VICARTE-NOVA FCT) ⁴⁵

INÊS FELICIANO (VICARTE-NOVA FCT) ²

A cerâmica artística produzida por Rafael Bordalo Pinheiro na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha representa um dos mais relevantes contributos para a história da cerâmica em Portugal.

A produção da fábrica é dividida em três fases: a primeira (1885 - 1889), correspondendo a peças mais naturalistas; a segunda (1889 - 1899), reconhecida pela criação de peças de grandes dimensões; e a terceira (1899 - 1905), em que se produziu louça decorativa não utilitária.

A presente comunicação tem como foco o estudo, diagnóstico e intervenção de três peças cerâmicas do século XIX pertencentes ao Museu Bordalo Pinheiro — duas

⁴⁴ Marta Neves é estudante do segundo ano do Mestrado em Conservação e Restauro na NOVA FCT, com especialização na área da cerâmica. A sua dissertação de mestrado é intitulada “Estudo e intervenção de três peças cerâmicas do Museu Bordalo Pinheiro”, orientada por Inês Feliciano e Susana Coentro. O trabalho tem como objetivo o restauro das peças, que combina metodologias de intervenção tradicionais e digitais. Ao longo do seu percurso, Marta realizou estágios na Parques de Sintra - Monte da Lua S.A. e no Museu Nacional do Azulejo, onde estudou a azulejaria portuguesa, e na Fábrica da Moagem, onde aprofundou competências em conservação preventiva. Estas experiências fortaleceram o seu interesse por diferentes metodologias no campo da conservação e restauro. Paralelamente, o seu percurso académico conferiu-lhe conhecimento teórico e prático, através da utilização de técnicas analíticas. Para além do seu percurso académico, Marta integrou ativamente a Associação de Estudantes da NOVA FCT, que lhe permitiu desenvolver a sua capacidade de organização, comunicação e gestão de equipas. Atualmente, procura continuar o seu percurso profissional na área da conservação de património cerâmico e no desenvolvimento de projetos que combinem práticas de conservação com comunicação museológica.

⁴⁵ Orientadora da dissertação de mestrado.

cabeças de porco (MBP.CER.0904 e MBP.CER.0499) e uma floreira (MBP.CER.0289), com o objetivo de comparar metodologias de intervenção frequentes na prática da conservação e restauro, com o recurso ao uso de ferramentas digitais complementares.

Todas as peças apresentavam danos relevantes, principalmente lacunas de diferentes dimensões, que comprometem tanto a leitura como a estabilidade estrutural. No caso da peça MBP.CER.0904, são visíveis duas lacunas de grandes dimensões com total inexistência dos elementos em falta, no topo da cabeça e na base (que comprometem a estabilidade estrutural da peça), e uma lacuna de pequenas dimensões na extremidade da orelha da figura. Na peça MBP.CER.0499, a lacuna, de grandes dimensões, é a orelha da própria figura. Já na floreira, as lacunas localizam-se na decoração (ramos e folhas da figueira) com inexistência dos elementos.

A intervenção de conservação e restauro seguiu uma metodologia faseada: limpeza superficial, preenchimento de lacunas, reintegração cromática e acabamento.

Para uma das lacunas de maiores dimensões (na orelha da cabeça MBP.CER.0499), foram utilizadas três abordagens distintas: uma tradicional, uma inovadora com recurso a ferramentas digitais (digitalização e modelação 3D), e uma metodologia mista. Nas abordagens com recurso a ferramentas digitais, o elemento em falta foi reproduzido através do uso da impressão 3D num material polimérico (PLA - ácido poliláctico), assim como em argila, com o intuito de comparar criticamente as vantagens e desvantagens de cada um dos métodos adotados (tradicional e recurso a tecnologias digitais).

Através de uma colaboração interdisciplinar com especialistas em digitalização, modelação e impressão 3D, este trabalho procurou não só contribuir para a preservação das peças em estudo, como também refletir sobre o potencial das tecnologias digitais no campo da conservação e restauro.

Palavras-chave: Cerâmica; Museu Bordalo Pinheiro; Século XIX; Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha; Vidrados Cerâmicos; Tecnologias Digitais; Conservação e Restauro; Impressão 3D.

AS CATÁSTROFES NATURAIS E O PATRIMÓNIO AÇORIANO EM OITOCENTOS

DIANA HENRIQUES (CIDEHUS/UÉ)⁴⁶

<https://orcid.org/0009-0008-7459-7109>

O Arquipélago dos Açores é uma região de frequente instabilidade e suscetibilidade a fenómenos de ordem natural, como sismos e erupções vulcânicas, bem como de cariz meteorológico. A formação geológica das ilhas conjugada com a sua posição no Atlântico, desencadeou um conjunto de eventos naturais extremos, com consequências assinaláveis nas populações. Apesar dos trabalhos já desenvolvidos em torno do século XX, para períodos recuados verificam-se algumas lacunas, pelo que este estudo a partir de oitocentos, pretende compreender os impactos causados pelas catástrofes, repensando o processo de conservação da memória e as fragilidades a que o património está sujeito. Para isso, recorreu-se a fontes impressas e manuscritas, que reportassem os fenómenos, sendo integradas numa base de dados em Access. Assim, este modelo de dados oferece uma visão de conjunto, relacionando as diferentes características com os impactos socioeconómicos, culturais e religiosos. Iniciando com uma metodologia quantitativa, do ponto de vista estatístico sob os dados recolhidos, o foco assenta numa abordagem qualitativa, com a comparação de diferentes níveis de repercussões, através dos eventos em observação. Este estudo analisa os casos do vulcão de 1808 na Ilha de São Jorge, o sismo de 1841 na Ilha Terceira e o sismo de 1852 em São Miguel, entre os mais bem documentados e com consequências acentuadas nos Açores. Os eventos correlacionam a identidade e a persistência da memória individual, coletiva e pública, evidentes nas marcas deixadas no edificado, nas ruínas e na paisagem. Nesta ótica, o território é visivelmente marcado pela passagem destes fenómenos, o que conduziu à proposta de criação da “Rota do Abalo Presente”, que permite identificar e explorar as diferentes catástrofes e os impactos decorrentes, com um percurso pedestre, articulando os lugares e a memória.

Palavras-chave: Catástrofes Naturais; Açores; Século XIX.

⁴⁶ Diana Henriques é licenciada em História e Arqueologia - especialidade em História, pela Universidade de Évora desde 2023. Concluiu o curso de especialização em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, pela mesma instituição em junho de 2024. Atualmente, é mestranda em História na Universidade de Évora e bolseira de investigação no projeto *Sharing Memories: voices from community* no CIDEHUS- Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora.

O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS E RECREATIVAS NA SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO CULTURAL IMATERIAL. O CASO DA ASSOCIAÇÃO CULTURAL, RECREATIVA E SOCIAL DE TEIVAS (VISEU, PORTUGAL)

ADRIANA GOMES CARDOSO (FLUP) ⁴⁷

<https://orcid.org/0009-0007-9431-0593>

Este estudo problematiza o papel das associações culturais e recreativas (ACRs) como agentes estratégicos na salvaguarda do património cultural imaterial (PCI), posicionando-as como verdadeiros laboratórios de construção social e de recriação do património. Mobilizando um enquadramento teórico que articula os estudos do património, a etnografia, a sociologia e a antropologia, a metodologia desenvolve-se em dois níveis. Em primeiro lugar, realiza-se uma análise contextual que abrange o marco legislativo nacional e internacional sobre o PCI e a sua aplicação regional. Em segundo lugar, faz-se um estudo de caso qualitativo da Associação Cultural, Recreativa e Social de Teivas (Viseu), que combina análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação não participante. A metodologia selecionada permite operacionalizar o objetivo do estudo e colocar em foco a atuação do associativismo cultural na gestão das manifestações de PCI, questionando o modo como as comunidades locais mobilizam o saber-fazer tradicional em contextos coletivos para dar resposta aos desafios contemporâneos culturais (nomeadamente, a resiliência patrimonial face a situações de crise e os novos usos sociais do património). Para o efeito, o estudo explora a reinvenção simbólica das Cavalhadas de Teivas durante a pandemia de Covid-19, que exemplifica processos de readaptação do património e de negociação da autenticidade, e examina o procedimento de inscrição da Dança da Morgadinha no Inventário Nacional de PCI, enquanto estratégia de valorização que visa o reconhecimento institucional e o reforço da coesão social, por meio da ação comunitária. O estudo demonstra o modo como o património, nas mãos dos agentes locais, se converte numa ferramenta ativa para a construção de um futuro em comunidade, por meio da celebração do passado

⁴⁷ Adriana Gomes Cardoso, natural de Viseu (Portugal), é mestranda em História da Arte, Património e Cultura Visual pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tendo concluído a licenciatura em História da Arte pela mesma casa, no ano de 2024. É membro do Núcleo de Estudantes de História da Arte da Universidade do Porto desde 2022. Os seus interesses de investigação incidem, maioritariamente, sobre as interpenetrações verbovisuais nas propostas artísticas dos Modernistas portugueses. Paralelamente, interessa-se pelas áreas da Arte Contemporânea, da Teoria e Crítica de Arte, da Semiótica e dos Estudos Críticos do Património.

comum, argumentando que estas iniciativas locais são um *microcosmo* das tensões e sinergias entre as políticas *top-down* e as dinâmicas comunitárias *bottom-up*, essenciais para a salvaguarda eficaz no século XXI, enquanto processo ativo e democrático.

Palavras-Chave: Associativismo; Património Cultural Imaterial; Salvaguarda; Associação Cultural, Recreativa e Social de Teivas; Viseu; Portugal.

INVENTÁRIOS COMO FERRAMENTAS DE SALVAGUARDA E DIVULGAÇÃO PATRIMONIAL: A ARQUITETURA DO MOSTEIRO DE SANTA HELENA DO MONTE CALVÁRIO COMO POLO INTERPRETATIVO E DINAMIZADOR DO PATRIMÓNIO RELIGIOSO DE ÉVORA

GUILHERME CARLOS ROQUE BRANCO ⁴⁸

<https://orcid.org/0009-0002-9897-4710>

Os Inventários foram e são ainda uma importante ferramenta de Salvaguarda dos Bens Patrimoniais. Já na Carta de Veneza, se demonstrava a importância dos inventários para o Registo, Gestão, Proteção e Divulgação do património. Todavia, têm-se tornado documentos mais para consulta e de investigação, e menos utilizados para divulgação, característica essa hoje muito menos utilizada.

Apresenta-se assim uma proposta metodológica de inventariação patrimonial, relativo ao património religioso arquitetónico do Centro Histórico de Évora, resultado da Dissertação de Mestrado realizada pelo autor. Para a sua elaboração, realizou-se uma profunda investigação da cidade, através de bibliografia, cartografia, iconografia e de fontes *in-situ* (percursos a pé) por todas as ruas e travessas.

Esta metodologia dividiu-se em dois momentos, primeiro, foram identificados, localizados e fotografados os edifícios e elementos religiosos (oratórios, azulejos, etc.) em espaço público, tendo sido agrupados em tipologias (arquitetónicas e outras), resultando num total de 281, subsistindo atualmente 248. Em segundo, desenvolveram-se diversos elementos escritos e gráficos: listas, plantas de localização e tabelas identificativas, descritivas e ilustrativas dos bens existentes e demolidos/retirados.

⁴⁸ Guilherme Carlos Roque Branco é arquiteto natural de Évora, cidade onde vive e trabalha. Fez o Mestrado Integrado em Arquitetura na Universidade de Évora, tendo-o terminado em Dezembro de 2023 com a Dissertação intitulada de “Património Religioso na Cidade de Évora: Proposta para uma Metodologia de Inventário. Sempre se interessou por história, arquitetura e património, em particular por Évora, cidade que investiga e investe grande parte do seu tempo, aprofundado cada vez mais o conhecimento que tem sobre o seu passado. É sócio do Grupo Pro-Évora, grupo centenário, ligado à defesa, salvaguarda e divulgação do património eborense. Profissionalmente, realizou um estágio na antiga Direção Regional de Cultura do Alentejo, onde pode aprofundar os seus conhecimentos sobre Proteção e Salvaguarda do Património, bem como a Legislação associada. Após terminar o curso, já apresentou publicamente o seu trabalho diversas vezes, tendo realizado as seguintes conferências: na sede do Grupo Pro-Évora (março de 2024); no Ciclo Internacional de Conferências (Universidade de Évora, a convite pela professora de Metodologias de Intervenção no Património Arquitetónico) (abril de 2024); na atual CCDRA (Unidade de Cultura) (novembro de 2024); novamente no Ciclo Internacional de Conferências MIPA (abril de 2025).

Através desta metodologia e inventário, registou-se e identificou-se, o património religioso do Centro Histórico de Évora, agrupando-o num único documento, algo que não tinha sido feito, demonstrando como podemos utilizar os inventários como ferramentas de divulgação patrimonial.

Propõe-se a elaboração do “Guia do Património Religioso do Centro Histórico” e a criação do Centro Interpretativo do Património Religioso de Évora, no antigo Mosteiro de Santa Helena do Monte Calvário, peça ímpar de arquitetura e arte.

Palavras-chave: Inventários; Património Religioso; Mosteiro; Arquitetura; Évora.

VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO EDIFICADO

FOMENTO EBORENSE - DO SUCESSO AO ESQUECIMENTO. CASO DE ESTUDO SOBRE A INDÚSTRIA CONFEITEIRA EM ÉVORA, NO SÉCULO XX

ANA VIEIRA CHAMBEL ⁴⁹

Universidade de Évora

<https://orcid.org/0009-0002-9054-5794>

A Fábrica do Fomento Eborense destacou-se como uma das unidades industriais mais relevantes da cidade de Évora durante o século XX. Especializada na confeitaria, produzia desde drageias e marmeladas a rebuçados e às emblemáticas pastilhas elásticas “Piratas”, que marcaram várias gerações. Fundada no primeiro quartel do século XX, manteve-se em atividade até ao final da década de 1980, sendo que o encerramento formal da empresa apenas foi concretizado já no século XXI, num processo de extinção faseado e pouco documentado.

Este estudo tem como principal objetivo resgatar a memória desta unidade fabril desaparecida fisicamente, mas ainda presente no imaginário coletivo de antigos operários e consumidores. Para tal, foram mobilizadas fontes arquivísticas (algumas por tratar), bibliografia especializada e testemunhos orais recolhidos junto da comunidade.

A investigação insere o surgimento da fábrica no contexto das mudanças económicas e sociais do pós-Primeira Guerra Mundial, atravessando as crises agrícolas e os primeiros sinais de industrialização local. O investimento partiu de um núcleo familiar, tendo a unidade evoluído de um pequeno espaço no centro histórico para um complexo fabril na Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. Destaca-se o seu pioneirismo técnico, a produção sazonal, o papel enquanto armazenista de revenda e as ligações ao franchising de marcas internacionais.

⁴⁹ Ana Vieira Chambel, estudante da licenciatura em Património Cultural na Universidade de Évora, com onde desenvolveu interesse pelas temáticas da memória operária, cultura material e património industrial. Integrou o CIDEHUS, onde colaborou em projetos de investigação focados na história dos espaços de sociabilidade e do trabalho no Alentejo, como o projeto *À Descoberta da Cultura Material dos Espaços de Sociabilidade: Alentejo, 1836-2022*, financiado pela FCT. Tem participado em encontros e conferências nas áreas do património, museologia e história social, destacando o *Fórum Ibérico de Estudos Museológicos* e a *Heritage Modelling Conference*. Em 2023, coassinou um artigo na revista *Arrayollos*, onde explorou a contribuição industrial no tecido económico de Arraiolos no século XIX. Atualmente, desenvolve um projeto de investigação independente sobre a Fábrica do Fomento Eborense, com base em fontes arquivísticas, testemunhos orais e ciência cidadã, procurando recuperar a memória industrial e social deste espaço emblemático da cidade de Évora. É igualmente membro da ESACH – European Students’ Association for Cultural Heritage e da APAI - Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial e mantém uma presença ativa em plataformas digitais, onde partilha reflexões sobre património, história local e memória coletiva.

O estudo foca também as sociabilidades construídas em torno da fábrica, analisando redes sociais e atividades culturais e desportivas promovidas pelos trabalhadores, perspectivadas à luz da ciência cidadã. Para além disso, propõe-se uma reinterpretação dos espaços que outrora compunham o complexo industrial, com base em plantas e documentação histórica, com o intuito de criar possibilidades futuras de valorização simbólica e patrimonial desses locais no tecido urbano da cidade.

Palavras-Chave: Fomento Eborense; Património Industrial; Indústria Confeiteira; Memória operária; Sociabilidades.

MEMÓRIAS NARRADAS: O HOSPITAL DE S. MARCOS DE BRAGA (1974-2011)

BARBARA HIGA (UM) ⁵⁰

<https://orcid.org/0009-0005-3223-5773>

Através da outorga da “Carta de Instituição e Ordenação de 1508”, D. Diogo de Sousa instituiu o antigo Hospital de S. Marcos, em Braga, cuja importância se estende a nível nacional. Inicialmente gerido pela Câmara, e posteriormente pela Santa Casa da Misericórdia de Braga, desde 1559 até 1975. Período marcado pela Revolução dos Cravos e, por conseguinte, a oficialização dos hospitais através do decreto-lei no 704/74, sendo o Estado o seu novo gestor.

A partir de fontes escritas, Marta Lobo elaborou o capítulo “O Quotidiano no Hospital de S. Marcos de Braga na Idade Moderna”, do livro “Comercio Y Cultura em la Edad Moderna”, que propõe conhecer o quotidiano do hospital durante os séculos XVII e XVIII, o qual serve de embasamento para inspirar o tema desta pesquisa que também pretende conhecer as vivências relacionadas ao mesmo hospital, mais especificamente durante o período contemporâneo, desde 1974 a 2011, ano do seu encerramento. A Carta de Porto Santo (2021) recomenda aos cidadãos reconhecer o património cultural das suas proximidades como património próprio e comprometer-se em ser agente cultural que participa no processo de identificação, de salvaguarda, comunicação e reinterpretação desses patrimónios.

Considera-se a História Oral como o método mais adequado para o objeto de estudo em questão, pois as suas produções bibliográficas relacionadas ao período contemporâneo são escassas e limitadas. De acordo com Meihy (1998), denomina-se História Oral a coleta de depoimentos pessoais orais, por meio da técnica de entrevista que utiliza um gravador, somada a estratégias definidas em prol da análise e pesquisa de um tema. Trata-se de uma pesquisa qualitativa orientada pela história oral como método de valorização e preservação do património cultural e histórico

⁵⁰ Barbara Higa é estudante do Mestrado em Património Cultural pela Universidade do Minho, historiadora, licenciada pela Universidade Católica de Santos e pós-graduada em Educação Patrimonial. Com mais de 6 anos de experiência nas áreas da Cultura, Educação e Turismo, desenvolvendo projetos educativos, multiculturais e de história. Pretende continuar contribuindo para o estudo e o seu desenvolvimento prático a favor da difusão e preservação do património cultural. Coordenou projeto cultural pela Câmara de Santos, sendo aprovada em 3º lugar com um projeto de exposição itinerante como curadora e historiadora responsável. A partir dessa exposição, publicou o artigo científico “A força da educação na integração de refugiados no Brasil: crianças russas na cidade de Santos (1958-1968)”, na Revista Diálogo Educacional. Participou de seminários e simpósios internacionais, como o III Simpósio Internacional de Pesquisa em Museologia, na Universidade de São Paulo (USP), o III Seminário Internacional e Intercultural de Museologia, na Universidade Federal de Goiás, e o II Seminário de Património Cultural pela Universidade do Minho, entre outros.

representado pelo edifício onde funcionou o Hospital de S. Marcos e que hoje se localiza o Hotel Vila Galé Collection Braga.

Palavras-chave: Hospital de S. Marcos; História Oral; Património Cultural; Memória.

CENTRO INTERPRETATIVO DAS PAISAGENS CARIOCAS: A INTERPRETAÇÃO DO PATRIMÓNIO E A VALORIZAÇÃO E DEMOCRATIZAÇÃO DA CULTURA

ARTHUR CARNEIRO FERREIRA FREITAS (UÉ)⁵¹

<https://orcid.org/0009-0003-6052-3612>

Um novo paradigma se formou a respeito do património cultural desde o início do século XXI. O protagonismo do património imaterial, na atualidade, é notório, e essas manifestações têm vivido um momento de grande valorização na salvaguarda da identidade das comunidades. Por outro lado, muito tem se discutido acerca do património mundial e a da salvaguarda do património material pelo instrumento da classificação.

Nessa perspectiva se insere o edifício do Automóvel Clube do Brasil (ACB), na cidade do Rio de Janeiro. Este é um edifício classificado de estilo neoclássico, que após um período de cerca de 20 anos de abandono, está em obras de restauro. Contudo, sua destinação permanece incerta e sofre frequentes mudanças.

Em paralelo, a cidade é património mundial da UNESCO. Declarado em 2012, o Sítio “Paisagens Cariocas: entre o mar e a montanha” celebra os elementos naturais da cidade e a sua relação com a diversidade e resiliência urbana, proporcionando, por meio deste diálogo, paisagens culturais excepcionais. Porém, passados 13 anos, essa nomeação ainda não se traduziu em efeitos concretos para a população, permanecendo apenas um título.

Partindo desse quadro, o presente trabalho propõe que se utilize a Interpretação do Património como forma de: refletir acerca das possibilidades e das necessidades da classificação do património material; materializar esse património mundial, de carácter intangível, buscando maior formalização para a sua devida valorização; e democratizar a cultura e o património para a população, tomando como referências práticas de valorização do património imaterial.

Assim, é proposta a criação e instalação do Centro Interpretativo das Paisagens Cariocas neste edifício, trazendo um uso valorizador e debatendo suas problemáticas próprias e as relacionadas ao Património Mundial. Assim, utilizando-se da

⁵¹ Arthur Carneiro Ferreira Freitas é arquiteto e urbanista pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2023), mestrando em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, especialidade Património e Ambiente, na Universidade de Évora e membro do ICOMOS Novos Profissionais. Foi estagiário na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio de Janeiro (IPHAN-RJ) e no Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), também no Rio de Janeiro. Foi bolseiro de investigação (PIBIC/CNPq) do projeto “Desenhando a Vila Real da Praia Grande na cidade de Niterói”, pelo grupo de pesquisa “Cidade como Documento da História Urbana” (CiDHUrb, 2020-2023), desenvolvendo uma plataforma SIG com a cartografia da cidade de Niterói do século XIX.

interpretação, por meio de pesquisas bibliográficas, processos participativos e museografia, busca-se democratizar o património cultural e envolver as comunidades nesta nova realidade do Património.

Palavras-Chave: Interpretação do Património; Paisagens Cariocas; Automóvel Clube do Brasil; Centro Interpretativo; Património Mundial; Bens Classificados.

A IMPORTÂNCIA DO FORTE DE LOVELHE NA VALORIZAÇÃO DO PATRIMÓNIO DEFENSIVO DE VILA NOVA DE CERVEIRA

PATRÍCIA CORREIA (UM) ⁵²

<https://orcid.org/0009-0006-1080-4610>

REBECA BLANCO-ROTEA (Lab2PT/UM) ⁵³

<https://orcid.org/0000-0003-3975-2149>

ALEXANDRA ESTEVES (Lab2PT/in2Past/UM) ⁵⁴

<https://orcid.org/0000-0003-0660-9485>

O Forte de Lovelhe foi edificado em plena Guerra da Restauração, para guarnecer a linha defensiva do Minho e de Vila Nova de Cerveira face às investidas espanholas, conjuntamente com outros elementos defensivos levantados pelo exército português. Trata-se de uma fortificação transfronteiriça, inserida no subsistema defensivo de Vila Nova de Cerveira-Goián-Medos, que se destaca pelo seu estado de conservação, a sua história e o seu carácter excecional.

A presente proposta de comunicação baseia-se num artigo de mesmo nome, bem como na dissertação de mestrado intitulada “O património de Vila Nova de Cerveira: a valorização do Forte de Lovelhe”, que procurou estudar o imóvel como um elemento patrimonial de inegável interesse para a compreensão da história da vila e do espaço raiano.

Apesar das várias tentativas de conservar a estrutura edificada na colina da Breia, tornou-se evidente a necessidade de criar uma nova e melhorada estratégia de a valorizar. A gênese de um novo modelo de valorização e conservação deve assentar num amplo conhecimento de Vila Nova de Cerveira, do Forte de Lovelhe e da comunidade local.

O trabalho a ser apresentado procurou contribuir ativamente para a valorização de um elemento patrimonial de excelência. Este trabalho procurou explorar planos de valorização já implementados de modo a criar uma nova proposta base de

⁵² Patrícia Correia é aluna do segundo ano de mestrado em Património Cultural na Universidade do Minho, sendo licenciada em História pela mesma instituição. Encontra-se a elaborar a sua dissertação de Mestrado intitulada “O património de Vila Nova de Cerveira: a valorização do Forte de Lovelhe”. Nos últimos anos, realizou estágios voluntários e participou no programa OTL no Núcleo Museológico de Valença onde trabalhou no processo de Inventário de Património Cultural Imaterial da Feira dos Santos de Cerdal, bem como na elaboração da Candidatura a Inventário de Património Cultural e Imaterial do Lanço da Cruz. Atualmente trabalha como Guia/Intérprete junto de jovens em contexto de mobilidade internacional.

⁵³ Orientadora da dissertação de mestrado.

⁵⁴ Coorientadora da dissertação de mestrado.

valorização associada à governação participativa e ao seu objetivo de sensibilizar as populações para o seu património cultural. Neste sentido foram apontadas ideias base para a elaboração de um futuro plano de valorização que procure auscultar e envolver a população e devolver à comunidade o seu património. O novo plano de ideias base conta com sete fases que respondem às necessidades de valorização do Forte de Lovelhe: uma equipa multidisciplinar, um plano de gestão, um plano de ação, um plano de estudos históricos, um plano de segurança e um plano de socialização.

Palavras-chave: Forte de Lovelhe; Valorização; Conservação; Património.

A FORTALEZA DE PENICHE: UM PATRIMÓNIO DE RESISTÊNCIA E IDENTIDADE

CAROLINA SILVA ANDRÉ (FBAUL) ⁵⁵

<https://orcid.org/0009-0000-7752-6105>

MARGARIDA VALADÃO LOPES (FLUL) ⁵⁶

<https://orcid.org/0009-0006-0013-2179>

A Fortaleza de Peniche, edificada a partir de 1557 por ordem de D. Luís de Ataíde, Conde de Atouguia, e concluída em 1645 durante o reinado de D. João IV, representa um marco incontornável da história do país. Está estrategicamente situada na costa oeste portuguesa, tendo desempenhado um papel vital na defesa do território nacional contra ataques marítimos. No século XX, o monumento adquiriu uma nova e profunda relevância simbólica ao ser convertido em prisão política pelo regime fascista do Estado Novo, tendo acolhido numerosos opositores. Atualmente, a fortaleza acolhe o Museu Nacional Resistência e Liberdade, assumindo-se como um espaço de memória, reflexão e homenagem à luta pela liberdade e pelos direitos humanos. Importa sublinhar que, em determinado momento, chegou a estar prevista a sua transformação num empreendimento turístico de luxo, numa lógica de mercantilização do património frequentemente observada em contextos urbanos contemporâneos. No entanto, graças à firme oposição da sociedade civil, prevaleceu a vontade de preservar a fortaleza como espaço de memória. Esta vitória relembra-nos que é, de facto, o povo quem mais ordena.

A escolha deste tema é motivada por uma consciencialização profunda da importância da memória e do património, fruto também do nosso contexto de origem:

⁵⁵ Carolina Silva André (n. 2003) nasceu e cresceu na ilha Terceira, nos Açores, e reside atualmente em Lisboa, onde frequenta o mestrado em Museologia e Museografia na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, instituição onde concluiu a licenciatura em Ciências da Arte e do Património. O seu percurso académico tem-se aproximado progressivamente das questões da memória e da resistência, com especial foco no património ligado ao 25 de Abril e à luta contra a ditadura. A sua investigação centra-se maioritariamente na forma como os discursos museológicos e patrimoniais podem refletir, preservar e problematizar memórias coletivas associadas a movimentos políticos e causas sociais. Interessa-se particularmente por temas como a inclusão, os direitos humanos e os conceitos subjetivos e historicamente moldáveis de liberdade e patriotismo, procurando compreender como estes são apropriados, descritos e disputados no espaço público e nos espaços de memória.

⁵⁶ Margarida Valadão Lopes (n. 2003, Praia da Vitória, Ilha Terceira) reside atualmente em Lisboa. Licenciada em História, desde 2025, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Ingressou, em 2025, no mestrado em História com especialização em História Contemporânea na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Ao longo do percurso académico, focou-se no estudo de questões sociais, centrando-se especialmente como estas questões se desenvolveram no Arquipélago dos Açores. Dirigindo a sua atenção para o trabalho de investigação em arquivo, considerando estes espaços como lugares de memória primordiais.

sendo ambas naturais da Ilha Terceira - onde se encontra Angra do Heroísmo, a primeira cidade portuguesa classificada como Património Mundial pela UNESCO - crescemos com uma particular sensibilidade para estas questões. Num momento em que assistimos a uma preocupante ascensão de discursos extremistas, tanto em Portugal como no mundo, consideramos essencial reforçar junto da nossa geração e das futuras o valor da liberdade e da democracia, recordando sempre “o que lutamos para aqui chegar”.

Com esta apresentação, pretendemos evidenciar o valor histórico, cultural e simbólico da Fortaleza de Peniche, apresentar os critérios da UNESCO que justificam a candidatura a Património Mundial, explorar os desafios e os benefícios associados ao reconhecimento internacional e, por fim, estimular a participação da comunidade académica e local na valorização do património.

Podemos afirmar que a Fortaleza de Peniche se destaca face a outros patrimónios associados à resistência política durante a ditadura do Estado Novo por uma combinação de fatores principalmente históricos, arquitetónicos, mas, sobretudo, sociais que lhe conferem uma preponderância muito singular. Em primeiro lugar, a sua utilização como prisão de alta segurança para presos políticos de grande visibilidade, como Álvaro Cunhal, tornou-a num símbolo nacional da repressão do regime e da luta pela liberdade. As célebres fugas, em particular a 3 de janeiro de 1960 protagonizada por membros do Partido Comunista Português, contribuíram para a sua projeção pública e para a construção de uma narrativa quase heroica que ganhou lugar na memória coletiva. Para além disso, a Fortaleza é um exemplo notável da arquitetura militar renascentista portuguesa, o que lhe confere também valor patrimonial intrínseco e justifica a sua candidatura a Património Mundial da UNESCO com base em critérios como os (iii) e (vi). Acrescentamos que, ao contrário de outros espaços como a cadeia do Aljube ou o Forte de Caxias, a Fortaleza de Peniche impôs-se como um símbolo de resistência também pela mobilização cívica em torno da sua preservação, especialmente quando se tentou transformá-la num empreendimento turístico. A vitória desta luta consolidou o seu estatuto enquanto “património de todos” e espaço de educação para os direitos humanos. Assim, a sua centralidade advém da sua história e da forma como foi ressignificada, apropriada e defendida pela sociedade portuguesa no culminar dos tempos sombrios que vivemos.

É, no entanto, importante sublinhar que a memória da resistência antifascista se constrói em múltiplos espaços. A proeminência da Fortaleza de Peniche não deve ofuscar outros lugares igualmente representativos da repressão e da luta pela liberdade. A valorização quase exclusiva da fortaleza pode implicar uma hierarquização da memória, relegando para segundo plano outros espaços de memória. Defendemos, por isso, uma abordagem crítica e descentralizada do património da resistência, capaz de reconhecer a diversidade dos espaços de luta sob o Estado Novo e promover uma política patrimonial mais inclusiva e representativa da pluralidade democrática nacional.

A nossa metodologia baseou-se na análise documental de fontes históricas, regulamentos da UNESCO e estudos comparativos com outras fortalezas já classificadas como Património Mundial. Contámos ainda com o contributo de especialistas, nomeadamente a Professora Doutora Elsa Garrett Pinho e a Professora Doutora Alice Nogueira Alves.

Concluímos, assim, que a Fortaleza de Peniche é um bem patrimonial de excecional valor histórico e arquitetónico, mas sobretudo um símbolo da resistência. A sua candidatura a Património Mundial da UNESCO representa uma oportunidade para consolidar esse valor simbólico, reforçar o papel pedagógico do património e promover uma política de memória plural, participativa e ancorada nos valores de Abril.

Palavras-chave: Fortaleza de Peniche; Resistência Democrática; Património Mundial; Arquitetura Militar Renascentista; Liberdade e Direitos Humanos; Educação; Cidadania.

RELATO DE EXPERIÊNCIAS

INVENTARIAR PARA VALORIZAR: UM CONTRIBUTO PARA O ESTUDO E SALVAGUARDA DE UMA COLEÇÃO PRIVADA

ANA SOFIA RODRIGUES (ESE P.PORTO) ⁵⁷

<https://orcid.org/0009-0001-7620-4734>

Durante o Estágio Curricular realizado na Fundação Gramaxo, localizada no concelho da Maia, no distrito do Porto, tive a oportunidade de me debruçar sobre uma coleção privada reunida ao longo do tempo por Maria de Fátima Gramaxo. A coleção é diversificada, incluindo mobiliário, ourivesaria, joalheria, pintura, escultura, cerâmica, vidro e têxteis, mas o meu foco centrou-se, especialmente, nas peças de mobiliário e ourivesaria. Estas áreas, historicamente consideradas “Artes Menores”, têm vindo a ser revalorizadas pela investigação académica, que lhes reconhece o seu valor histórico, artístico e simbólico. Com este estágio, procurou-se contribuir para esse esforço coletivo, através da inventariação e investigação de peças, até então, pouco estudadas na coleção da Fundação Gramaxo, enriquecendo a compreensão das mesmas, como também o conhecimento da coleção como um todo.

Ao iniciar o estágio, deparei-me com um inventário em fase inicial, no qual, a maioria das peças estavam identificadas apenas por um número de inventário e, em alguns casos, acompanhadas de medidas. No entanto, faltavam descrições detalhadas, dados técnicos e historial das peças, entre outras informações importantes, o que exigiu um trabalho rigoroso de investigação. Desta forma, foi adotada uma metodologia rigorosa que se baseou na leitura das Normas de Inventário e de bibliografia relacionada com as áreas de estudo, na análise de fichas de inventário disponíveis online, na análise de documentação do acervo existente na fundação, no olhar atento às singularidades de cada peça e no cruzamento de informações.

Esta experiência revelou-se fundamental para o meu crescimento académico e profissional, permitindo-me uma visão mais ampla do trabalho museológico, tal como

⁵⁷ Ana Sofia Rodrigues, de 21 anos, é finalista da Licenciatura em Gestão do Património Cultural na Escola Superior de Educação do Politécnico do Porto. Ao longo do seu percurso académico, tem procurado conciliar o rigor dos estudos com a participação ativa em iniciativas que enriquecem a sua formação pessoal e profissional. Participou em dois programas BIP (*Blended Intensive Programmes*): um em Roma, dedicado ao Renascimento, e outro, no Porto, centrado nas vantagens da utilização do teatro na educação. Estes cursos contribuíram para o alargamento de horizontes, o aprofundamento de conhecimentos em contexto internacional e a reflexão sobre a interdisciplinaridade no património. É membro do clube de voluntariado da ESE, colaborando em projetos de envolvimento comunitário, integra a Associação de Estudantes e o clube de teatro TESE, que promove a expressão artística e a reflexão crítica através das artes performativas. Atualmente, realiza Estágio Curricular na Fundação Gramaxo, onde desenvolve inventariação e investigação no âmbito das tipologias de mobiliário e de ourivesaria de uma coleção privada, experiência que despertou um forte interesse pelas Artes Decorativas.

da importância do processo de investigação e do papel das coleções privadas na preservação da memória cultural.

Palavras-chave: Investigação; Inventariação; Coleção; Artes Decorativas.

DO OFÍCIO À INVESTIGAÇÃO: SALVAGUARDA E VALORIZAÇÃO DA ARTE DO ESTUQUE DE VIANA DO CASTELO

FILIPPE FREITAS (CITCEM/FLUP)⁵⁸

<https://orcid.org/0000-0002-6738-5932>

Integrada no doutoramento em História da Arte, a tese *Estucadores de Viana do Castelo: Arte, Ofício e Roteiro Artístico na Região do Estuque* investiga a tradição da arte do estuque da cidade entre os séculos XIX e XX, período em que se afirmou como polo de excelência em Portugal e Brasil.

O estudo estrutura-se em três eixos:

1. Etnográfico e técnico: trabalho de campo junto dos últimos mestres estucadores da região, com registo fotográfico e vídeo das técnicas, materiais, ferramentas e práticas, com a documentação sistemática deste património imaterial.
2. Experimental: reprodução e ensaio de métodos históricos descritos em manuais e tratados dos séculos XIX e XX, com modelação e aplicação das técnicas da arte do estuque descritas, a fim de aprofundar a compreensão dos processos artísticos e construtivos tradicionais.
3. Cartográfico e patrimonial: levantamento e georreferenciação de obras, autores e locais relevantes, culminando na elaboração de um roteiro artístico do estuque em Viana do Castelo.

Visa-se contribuir para a salvaguarda desta arte decorativa, promovendo a sua transmissão e fundamentação de futura proposta de criação de um Museu do Estuque. Serão apresentadas experiências e resultados preliminares dos primeiros seis meses de investigação, que evidenciam a urgência da preservação das técnicas tradicionais.

Palavras-chave: Arte; Estuque; Estucadores; Viana do Castelo; Ornamento.

⁵⁸ Filipe Freitas é licenciado em Conservação e Restauro pelo Instituto Politécnico de Tomar (2001), pós-graduado em Gestão do Património Cultural pela Universidade Católica Portuguesa (2004) e mestre em Museologia e Património Cultural pela Universidade de Coimbra (2022), com dissertação sobre a coleção de estuque do Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo. Atualmente, é doutorando em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Com mais de 24 anos de experiência como conservador-restaurador, tem trabalhado em escultura, estuque, pintura mural, azulejaria, talha e modelação artística. Colaborou com a DGEMN, DRCN, dioceses e empresas de reabilitação. De 2018 a 2024, desempenhou funções no Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo, onde assumiu a gestão da coleção de estuque do “Atelier Gessos Maceiro”, composta por cerca de 4.000 peças. A investigação permitiu identificar a sua origem na oficina de Domingos Meira (1840–1928), um dos mais notáveis estucadores portugueses. Foi curador da exposição “Estuques e Estucadores de Viana do Castelo” (2021–2023) e autor de três capítulos na publicação homónima, *estuques e Estucadores de Viana do Castelo*, atualmente esgotada. Promoveu workshops, visitas guiadas e ações educativas, e integrou o projeto europeu E-Academy of Building Trades, em contínua valorização da arte do estuque.

PERSPECTIVAS SOBRE INVESTIGAÇÃO E ESTÁGIO: QUAL A ATUAÇÃO PROFISSIONAL BUSCAMOS?

ARTHUR CARNEIRO FERREIRA FREITAS (UÉ)⁵⁹

<https://orcid.org/0009-0003-6052-3612>

A salvaguarda do património cultural é uma empreitada que conta com a atuação de profissionais de diversas especialidades. Assim, um Técnico ou Agente do Património, se insere em contextos interdisciplinares, onde deve trabalhar de forma articulada com os profissionais de outras áreas, possibilitando o diálogo e o aprendizado comum, cujo objetivo final é a proteção do património cultural.

Como Arquiteto, durante minha graduação, pude vivenciar isso na prática em dois contextos: durante minha atuação como estagiário e ao longo do meu período como investigador. Assim, posso afirmar com convicção que essas experiências foram essenciais para me permitir ser um técnico do património com habilidades e capacidades importantes para conhecer os agentes e os processos necessários em cada caso.

Durante meu período de estágio no Instituto Estadual do Patrimônio Cultural e no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, no Brasil, tive a oportunidade de trabalhar com equipes multidisciplinares com historiadores, museólogos, arquitetos e geocientistas, na produção de novas classificações e especialmente na elaboração de pareceres oficiais. Isso me permitiu ter uma visão sistêmica do rito processual bem como das linguagens e posturas que devem ser adotadas em cada situação.

Simultaneamente, nesse período fui investigador de um projeto de Iniciação Científica, financiado pelo CNPq. O projeto em questão visava realizar o georreferenciamento da cartografia oitocentista da cidade de Niterói, e além de me capacitar como investigador, me permitiu aprender a desenvolver relatórios e artigos acadêmicos para publicação e apresentar resultados em eventos nacionais.

Dessa forma, o presente relato pessoal visa trazer uma perspectiva diversa para motivar os colegas a adentrarem os espaços de estágio e investigação, e gerar uma reflexão nos ouvintes de modo que possam compartilhar suas vivências no contexto

⁵⁹ Arthur Carneiro Ferreira Freitas é arquiteto e urbanista pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2023), mestrando em Gestão e Valorização do Patrimônio Histórico e Cultural, especialidade Patrimônio e Ambiente, na Universidade de Évora e membro do ICOMOS Novos Profissionais. Foi estagiário na Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio de Janeiro (IPHAN-RJ) e no Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC), também no Rio de Janeiro. Foi bolseiro de investigação (PIBIC/CNPq) do projeto “Desenhando a Vila Real da Praia Grande na cidade de Niterói”, pelo grupo de pesquisa “Cidade como Documento da História Urbana” (CiDHUrb, 2020-2023), desenvolvendo uma plataforma SIG com a cartografia da cidade de Niterói do século XIX.

português, para assim pensarmos em conjunto: Qual é a atuação profissional que buscamos para os agentes do património?

Palavras-Chave: Estágio; Investigação; Licenciatura; Agentes do Património Cultural.

INVESTIGAÇÃO E PARTICIPAÇÃO: A JORNADA DE DUAS ESTUDANTES NO PROJETO CULTIVAR

KEITTY DE OLIVEIRA SILVA (CIDEHUS/UÉ) ⁶⁰

MARIA DA PAZ (UÉ) ⁶¹

O Projeto Cultivar: *Promoting sustainable development in tropical islands: strengthening capacities for enhancing cultural heritage, traditional know-how, and local food production*, é um projeto financiado pela Comissão Europeia e promovido pela Cátedra UNESCO em Património Imaterial, concebido para promover o desenvolvimento sustentável em regiões tropicais, com um foco específico em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe. O seu objetivo é valorizar o património cultural e o conhecimento tradicional, promovendo o turismo sustentável e os produtos locais. Apesar da abundância de riquezas naturais e culturais em ambos os países, o seu património cultural imaterial e a sua gastronomia permanecem subvalorizados e subutilizados de forma sustentável. O projeto é pioneiro ao propor um sistema de ensino superior interdisciplinar, capacitando os profissionais para enfrentarem desafios e cumprirem as Metas de Desenvolvimento Sustentável.

Esta comunicação partilha a experiência de uma bolseira e uma aluna finalista que atuam no projeto, contribuindo com a produção de materiais e reflexões ligadas às suas experiências de mestrado. A participação de estudantes em início de carreira tem se mostrado essencial para o desenvolvimento de habilidades técnicas,

⁶⁰ Keitty de Oliveira Silva é mestre em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, com especialização em Património Científico, Técnico e Industrial, pela Universidade de Évora. É graduada em História – Memória e Imagem (2015), pela Universidade Federal do Paraná, e pós-graduada em Museografia e Património Cultural (2019), pelo Centro Universitário Claretiano. Atualmente é bolseira do projeto *Cultivar: Promoting sustainable development in tropical islands: strengthening capacities for enhancing cultural heritage, traditional know-how, and local food production*. Já participou em projetos financiados pela Comissão Europeia, como a *Noite Europeia dos Investigadores* de 2023, e pela FCT, como o projeto *UF&Port: A relação entre o urbanismo e a ferrovia em cidades portuárias atlânticas da Península Ibérica e do Brasil*. Frequentemente realiza voluntariados na organização de eventos científicos sobre o património cultural. Suas áreas de interesse são o Património Digital, a Transformação Digital dos Museus, e o Património Industrial.

⁶¹ Maria da Paz é aluna finalista do mestrado em Gestão e Valorização do Património Histórico e Cultural, na especialidade de Património Artístico, na Universidade de Évora, e vem realizando estágio no âmbito do projeto CULTIVAR, promovido pela Cátedra UNESCO em Património Imaterial, através do CIDEHUS. É licenciada em Gestão do Património Cultural pela Universidade de Cabo Verde. Durante seis meses, trabalhou como estagiária profissional no Instituto do Património Cultural (IPC) em Cabo Verde, onde desempenhou funções na área de museologia. Suas principais responsabilidades incluíam a realização de inventários de artefactos arqueológicos subaquáticos. Adicionalmente, conduziu colónias de férias no museu para crianças da educação primária. Atualmente trabalha como tradutora de inglês para crioulo cabo-verdiano na First Love Church.

científicas e éticas, além de dar continuidade e vitalidade às ações do projeto. Ao reunir ensino, pesquisa e extensão, essa iniciativa também ajuda a tornar o conhecimento mais acessível e a promover práticas profissionais voltadas para a transformação social. Estar em um ambiente colaborativo de investigação permite que futuros profissionais aprendam de forma integrada, valorizando abordagens que priorizam a equidade, a justiça social e ambiental. Com isso, o projeto reafirma a importância de caminhos formativos que fortalecem o protagonismo estudantil e geram impactos positivos tanto na vida acadêmica quanto na atuação profissional.

Palavras-Chave: Projeto Cultivar; Património Cultural; Sustentabilidade; São Tomé e Príncipe; Cabo Verde.

“COMO PROTEGER O PATRIMÓNIO DA MINHA REGIÃO?”: A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E OS SEUS DESAFIOS NAS COMUNIDADES ESCOLARES DE TRÁS-OS-MONTES E ALTO DOURO

MARIANA DURANA PINTO (CITAR/UCP) ⁶²

<https://orcid.org/0009-0003-5130-6325>

THIERRY AUBRY (Fundação Côa Parque) ⁶³

<https://orcid.org/0000-0003-0071-3361>

EDUARDA VIEIRA (CITAR/UCP) ⁶⁴

<https://orcid.org/0000-0002-0620-080X>

A noção de Património está intrinsecamente associada ao valor (ou valores) que uma determinada comunidade dá a um objeto, monumento, tradição oral, ou até mesmo a uma paisagem. Apesar de se pressupor que estes mesmos valores serão transmitidos de geração em geração, evoluindo e readaptando-se, desafios como a perda de densidade populacional, a dispersão geográfica, e a corrente de emigração-imigração, podem interromper esta transmissão intergeracional, contribuindo para a modificação do elo identitário dos diferentes tipos de património com as próprias comunidades.

A região de Trás-os-Montes e Alto Douro é uma das regiões afetadas por estes fenómenos, apesar de albergar um património vasto e multifacetado, frequentemente desconhecido ou subvalorizado pelas comunidades locais. Neste contexto, a educação patrimonial assume um papel fundamental na construção de uma consciência crítica sobre a importância da valorização e preservação do património regional, sobretudo nas faixas etárias mais novas.

⁶² Mariana Durana Pinto (Vila Nova de Gaia, 1999) é licenciada e mestre em Conservação e Restauro de Bens Culturais, pela Universidade Católica Portuguesa (Escola das Artes, Porto). Atualmente frequenta o Programa Doutoral de Conservação e restauro de Bens Culturais, na mesma instituição. A sua linha de investigação recai sobre a implementação do conceito de conservação preventiva (e programada) em sítios/parques arqueológicos (com incidência na gestão de risco e na resposta a desastres). O seu projeto de doutoramento intitula-se - "Desenvolvimento e Implementação de um Plano de Salvaguarda para a Arte Rupestre do Vale do Côa" -, tendo como principal objetivo desenvolver um plano de gestão no campo da conservação para todo parque. Este projeto é financiado pela FCT (<https://doi.org/10.54499/2023.01710.BDANA>) e conta com as seguintes instituições de acolhimento: Universidade Católica Portuguesa e a Fundação Côa Parque.

⁶³ Coorientador do projeto de investigação.

⁶⁴ Orientadora do projeto de investigação.

Alinhadas metodologicamente com a abordagem “investigação-ação participativa”, pretendemos abordar os desafios e potencialidades de duas atividades realizadas no âmbito do nosso projeto de doutoramento que decorre no Vale do Côa: (a) “Como proteger o património da minha região?”; e a (b) “Salva a Arte Rupestre do Vale do Côa!” - atividade inspirada no jogo participativo *inSIGHT* (do ICCROM). Ambas as atividades estão organizadas em dois momentos: (1) aprendizagem de conceitos base por um método misto expositivo-interrogativo, e (2) aprendizagem ativa com resolução de problemas, onde os participantes são confrontados com um desafio real à conservação.

A interpretação dos resultados obtidos, até ao momento, revelam que, apesar do interesse demonstrado pelos jovens, persistem obstáculos significativos, nomeadamente o desconhecimento do próprio conceito de “património”, ou até a dificuldade em identificar elementos culturais identitários dos locais onde vivem, sobretudo quando se trata do património arqueológico. Todas as ações realizadas decorreram no âmbito do plano anual de atividades do Centro Ciência Viva - Museu do Côa, com jovens entre os 14 e os 18 anos.

Palavras-chave: Trás-os-Montes e Alto Douro; Património; Identidade; Comunidade; Valoração.

ESTRATÉGIA TRANSMEDIA STORYTELLING NOS MUSEUS: NOVAS FORMAS DE CONTAR HISTÓRIAS E A EXPERIÊNCIA MEDIADA PELA MÉDIA-ARTE DIGITAL

JAQUELINE DULCE MOREIRA (UAlg/UAb) ⁶⁵

<https://orcid.org/0009-0004-2008-3584>

Este artigo resulta de uma pesquisa que explora o potencial das narrativas transmídia como ferramenta inovadora de mediação cultural voltada ao público infantil. A pesquisa parte da premissa de que os museus, tradicionalmente associados à exposição estática de objetos, podem se reinventar como espaços dinâmicos de experiência e aprendizagem por meio da adoção de mídias digitais e narrativas expandidas.

A estratégia transmídia consiste em construir uma narrativa que se desdobra em múltiplas plataformas — como vídeos, jogos, aplicativos, redes sociais e instalações interativas — permitindo que o público explore a história de formas diversas e complementares. No contexto museológico, isso possibilita que o visitante não apenas observe, mas também participe da história, ampliando sua compreensão e conexão com o conteúdo apresentado.

Como parte prática da investigação, foi desenvolvido e testado o projeto “Exploradores Romanos”, uma proposta transmídia criada especialmente para as ruínas de Conimbriga, um dos principais sítios arqueológicos romanos em Portugal. A história foi distribuída em diferentes mídias: animação digital, um site interativo com conteúdo educativo, um guia online de visita e experiência em realidade aumentada para interação com os personagens criados para o projeto. Essa integração permitiu que as crianças acessem a narrativa por diferentes meios, de forma complementar e imersiva.

O objetivo central da pesquisa é identificar evidências de que essa estratégia de *Transmedia Storytelling* melhora a comunicação dos museus com o público infantil e contribui significativamente para o aprendizado sobre o local visitado.

Os resultados indicaram que a experiência aumentou o interesse e o engajamento das crianças, facilitando a compreensão dos conteúdos históricos e criando vínculos afetivos com o patrimônio.

Conclui-se que o uso de estratégias transmídia mediadas por mídia-arte digital oferece aos museus uma abordagem inovadora, eficaz e envolvente para educar e

⁶⁵ Jaqueline Dulce Moreira é Licenciada em Gestão, MBA Gestão Estratégica, Mestre em Marketing e Doutoranda em Mídia-arte digital. Criadora/produtora de projetos audiovisuais infantis e voluntária no Museu Nacional de Conímbriga.

cativar o público infantil, promovendo uma nova forma de vivenciar e aprender história.

Palavras-chave: Museus; *Transmedia Storytelling*; Experiência do visitante; Média-arte digital; Crianças; Comunicação dos museus

DIGITALIZAÇÃO 3D DE INSTRUMENTOS MUSICAIS NUM MUSEU EM MUDANÇAS: PRÁXIS E DESAFIOS

ANA ESTER TAVARES (CITCEM/FLUP) ⁶⁶

<https://orcid.org/0009-0002-6285-7811>

A presente proposta parte de um trabalho em curso, no âmbito do projeto de doutoramento “Espaços privados da Música nos séculos XIX e XX em Portugal: propostas de leitura, reconstituição e comunicação” (FCT 2023.02749.BDANA), desenvolvido na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) em articulação com o Museu Nacional da Música (MNM). Este projeto, pautado pela sua natureza transdisciplinar, tem como um dos seus objetivos a criação de conteúdos digitais para estudo e comunicação de um conjunto de peças que integrarão a nova exposição de longa duração do MNM.

No último ano, o MNM tem passado por um processo de mudança de instalações, transferindo todo o seu acervo e equipamentos das infraestruturas temporárias na estação de metro do Alto dos Moinhos em Lisboa para a ala norte do Palácio Nacional de Mafra. Atendendo ao cronograma do projeto, entendeu-se como oportuno realizar a digitalização tridimensional (3D) de um conjunto de instrumentos musicais pertencentes ao núcleo fundador do MNM durante a fase de transição de instalações. Estes instrumentos musicais, na sua maioria da família dos cordofones, provêm das mais diversas origens e, atualmente, encontram-se em diferentes condições de conservação, fator que também foi tido em consideração no agendamento das sessões de digitalização.

Deste modo, a presente comunicação visa partilhar experiências decorrentes de trabalho prático realizado num contexto museológico específico, em que as condições logísticas e técnicas fomentaram o trabalho de equipa e exigiram flexibilidade e adaptação às circunstâncias. Serão discutidas, de forma crítica, as técnicas e os equipamentos utilizados, bem como os fluxos de trabalho estabelecidos, tanto para a captura como para o tratamento dos dados digitais. Procurar-se-á,

⁶⁶ Ana Ester Tavares é doutoranda em Estudos do Património – História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Ao abrigo de uma bolsa de investigação para doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT2023.02749.BDANA), desenvolve o projeto “Espaços privados da Música nos séculos XIX e XX em Portugal: propostas de leitura, reconstituição e comunicação”, em colaboração com o Museu Nacional da Música. O interesse por temáticas que fundem a Música e a História da Arte provém da sua formação de base em Composição Musical (Licenciatura e Mestrado na Universidade de Aveiro - 2009-2014) em conjugação com o exercício profissional na área enquanto docente em escolas do ensino artístico especializado e também enquanto artista, por mais de dez anos. Licenciada em História da Arte pela FLUP (2021), desenvolve investigação desde 2020, procurando estabelecer diálogos entre a Música, a História da Arte e a interpretação do património envolvendo as Humanidades Digitais.

igualmente, refletir sobre as principais dificuldades identificadas e apresentar os resultados preliminares obtidos, assim como a amplitude das suas aplicações.

Palavras-chave: Instrumentos musicais; Fotogrametria; Digitalização; Humanidades Digitais; História da Arte; Musicologia

Organização



Apoio



LID/4059/2025



Media Partner



